

Universidade de São Paulo
Escola de Comunicações e Artes
Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo
Grupo de Estudos de Semiótica, Comunicação, Cultura e Consumo
Linha de Pesquisa: Consumo e usos midiáticos nas práticas sociais

Relatório Final do Pós Doutorado

Marcas Produtos culturais tatuados no corpo: expressões do hiperconsumo

Universidade de São Paulo
2015

Docente Supervisor: Prof. Dr. Eneus Trindade Barreto Filho (ECA/USP)
Pós Doc: Profa. Dra. Maria Angela Pavan

São Paulo
Julho 2015

Sumário

1. Introdução	4
2. Objetivos	9
3. Metodologias	9
4. O que se espera da pesquisa teórica	10
5. Transcrições de entrevistas durante o pós-doutoramento	14
6. Artigos Realizados no período de pós-doutoramento	52
7. Cronograma do trabalho 1ª etapa	55
8. Cronograma do trabalho 2ª etapa	56
9. Bibliografia supervisionada pelo Prof. Dr. Eneus Trindade	57
10. Considerações Finais	58
11. Perspectivas de Publicações	63

1. Introdução: Corpo midiático

Esta pesquisa pretende compreender as relações de afeto entre jovens que tatuam marcas de produtos simbólicos da indústria cultural. O que tem se utilizado nos últimos cinco anos são as narrativas destes jovens. Foi escolhido ao longo deste tempo jovens do interior de São Paulo e capital, na capital Natal do Rio Grande do Norte e em Catania/ Sicília – Itália. Este trabalho tenta alinhar todas as histórias nas falas dos sujeitos. Em muitos depoimentos conotam acontecimentos a partir da escolha de versões, da revelação de nuances emocionais e da oferta de explicações subjetivamente motivadas. Para compreendermos a dinâmica cotidiana presente nessas falas, recorreremos a Agnes Heller (1985), que ressalta haver, em tal dinâmica, escolhas que se originam de heranças da tradição, do condicionamento social de tempo e lugar, juntamente com outras que obedecem a sutilezas nascidas de vínculos afetivos proporcionados pela vivência na cultura midiática de consumo.

A moda, tributária dessa cultura, como bem nos orienta Lipovetsky (2007), os leva para várias escolhas dessa natureza, ao mesmo tempo abrigando opções subjetivas e ordenamentos sociais. Optar em fazer tatuagem é uma dessas escolhas. No tipo de tatuagem há a eleição de imagens que estão permeadas pela relação de afetividade e cumplicidade com os produtos culturais massificados pela mídia¹, o que vamos tentar explorar com o aporte teórico de vários autores.

Um dos suportes é Stuart Hall (2000) e Arjun Appadurai (1996) e as teorias sobre identidades ou subjetividades contemporâneas. O *corpus* deste estudo são as narrativas orais coletadas dos entrevistados e a associação das teorias relacionadas com o consumo.

Durante a captação das narrativas adotamos o seguinte procedimento metodológico: no primeiro encontro, gravamos as narrativas em áudio e as transcrevemos; num segundo momento, gravamos em vídeo no estúdio, onde o silêncio e a presença de poucas pessoas propiciaram o surgimento de informações mais intimistas e com mais possibilidade de análise qualitativa de conteúdo, como sugere o método da história oral². No trabalho mais avançado ao longo desta pesquisa,

¹ SODRÉ, Muniz. As Estratégias Sensíveis: Afeto, Mídia e Política. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006, p. 12-15.

² Cf. QUEIROZ (1991).

escolhemos entrar em suas casas e quartos. Para verificar etnograficamente se as escolhas que faziam para seus corpos também penetravam no espaço íntimo.

Com isso, pretendemos o resgate das memórias individuais e das experiências sensíveis de sujeitos do mundo do consumo que decidem tatuar símbolos da indústria cultural na pele. O resgate dessas memórias é também um esforço no sentido de um estudo de recepção específico, ou seja, da produção de sentido pelo receptor a partir da pertinência de influências midiáticas em seu cotidiano. Neste caso, buscamos o levantamento de uma tipologia dos vínculos sensíveis que caracterizam as manifestações cotidianas desse receptor em relação aos produtos midiáticos e, para tanto, recorreremos a Muniz Sodré (2006) e Michel Serres (2001).

Muitas vezes o lugar do quarto e da casa são uma extensão de suas peles. Mostram também neste ambiente íntimo, suas preferências e gosto, e acabamos por encontrar muitas imagens semelhantes a que tatuaram na pele.

Para evitar um juízo de valor prejudicial à compreensão do processo de expressão dos indivíduos imersos na sociedade da informação midiática, optamos por trabalhar com o conceito de cultura de Edgar Morin³, que desenvolve a idéia de que a cultura é mais do que um conceito ou um princípio indicativo, mas a totalização dos processos que integram o modo como um problema é vivido. Dentro desse panorama, a noção de cultura oscila entre diversos sentidos, indo da identificação com o saber das humanidades até um sentido mais total, ou seja, antro-po-sócio-etnográfico. No sentido mais amplo, a cultura é constituída pelas representações, símbolos, mitos e ideias produtoras de crenças, valores, normas e memória histórica (Morin, 1997, p.175).

Portanto, o nosso corpo é linguagem, é cultural e social, além de físico. A existência é, antes de tudo, corporal; a experiência do corpo é condição da existência social humana. Concomitantemente, "a percepção dos inúmeros estímulos que o corpo consegue recolher a cada instante é função do pertencimento social do ator e de seu modo particular de inserção cultural" (Le Breton, 2006, p. 56).

Assim, os símbolos que os sujeitos usam sobre os seus corpos e em suas peles são a expressão de vivências que se dão na esfera da linguagem e da cultura; do mesmo modo que testemunham essas vivências, os símbolos indicam uma experimentação singular do mundo, são afloramentos de subjetividade.

³ Cf. o artigo **Da cultur-análise à política cultural**. In: Revista *Margem*, PUC/SP, nº 16, p. 183-221, dez. 2002.

Na sociedade contemporânea, a cultura está cada vez mais imbricada às fruições midiáticas, que ocorrem como experimentações de consumo, um consumo que é também apropriação de valores, identificação e diferenciação, que serve tanto para confirmar quanto para negar. E que, lastreando a expressão dos indivíduos, demonstra que também serve para negociar o que vem de fora com o que já existe dentro dos mundos social e individual.

E mesmo jovens de diferentes lugares (geograficamente), tem a mesma sintonia quando pensam e sentem os símbolos da indústria cultural. Existe sempre uma comunidade imaginada e outras formas de inclusão da vida social. O corpo vira dispositivo midiático, e é resultante da forma de circulação da marca fora do espaço mediático – que cria outro espaço mediático e transforma o corpo em corpo-mídia.

(...) não é o produto que circula – mas encontra um sistema de circulação no qual se viabiliza e qual alimenta. O produto, entretanto, é um momento particularmente auspicioso da circulação – justamente por que, consolidado em sua forma que permanece (e que se multiplica, na sociedade em midiatização), pode continuar circulando e repercutindo em outros espaços. (...) Os processos e as consequências desse modo preferencial da circulação, próprio da sociedade em midiatização, devem ser estudados. (BRAGA, 2012, p.41)

Para compreender esta reflexão Lipovetsky (2007) nos fala que nasceu uma nova modernidade com a “civilização do desejo”, e que ela se constituiu da segunda metade do século XX. Nesta pesquisa ao ter contato com uma gama de entrevistados nos arriscamos a dizer, baseados nas leituras de Lipovetsky, que este novo consumidor – que tem uma relação de afeto com o produto, nasceu a partir da década de 70 do século passado. Pensando nas relações sociais na sociedade midiatizada que refletem um “ethos midiatizado” conceito este de Muniz Sodré⁴. Este novo corpo-mídia que transforma o significado do produto tatuado na pele (o signo, a marca) recria novos processos de apropriação e a produção de sentido ganha novos elementos na dinâmica midiática.

⁴ Entrevista com Muniz Sodré na IHU – Revista do Instituto Humanitas da Unisinos realizada em 13/04/2009, www.ihuonline.unisinos.br acesso em 20/04/2013.

É importante compreender estes jovens como “comunidades de sobrevivência afetiva” (SODRÉ, 2007) dentro da vida urbana. Norbert Elias (1998) considera que as tribos urbanas são grupos de iguais que se organizam em comunidades para garantir sua sobrevivência afetiva durante a passagem para a vida adulta. Já para Maffesoli (1987) fala de uma socialidade que se exprime numa sucessão de ambiências, de sentimentos e de emoções.

Inúmeros exemplos da nossa vida cotidiana podem ilustrar a ambiência emocional que emana do desenvolvimento tribal (...) As diversas aparências que exprimem muito bem a uniformidade e a conformidade dos grupos, são como outras tantas pontuações do espetáculo permanente que as megalópoles contemporâneas oferecem. (MAFFESOLI, 2000, p.16)

As reflexões de Maffesoli estão voltadas para a multiplicidade do eu e a ambiência comunitária que essa multiplicidade produz, chamada pelo autor de paradigma estético, no sentido que permite vivenciar e sentir, em comum, através do corpo e que se manifesta através da idéia de *persona*, e que se integra numa variedade de cenas e de situações, que só valem porque são representadas em conjunto.

A manifestação privilegiada da estética: de experimentar junto emoções, participar do mesmo ambiente, comungar dos mesmos valores, perder-se, enfim, numa teatralidade geral, permitindo, assim, a todos esses elementos, que fazem a superfície das coisas e das pessoas, fazer sentido (MAFFESOLI, 2000, p.163)

Vale acrescentar que esta pesquisa detecta empiricamente que os gostos dos jovens de diferentes lugares estão conectados na mesma vivência e escolhas de imagens do mundo do consumo para serem tatuadas no corpo.

Para realização desta reflexão precisamos deste projeto de estudo no pós doutoramento, para fazer uso das entrevistas e imagens para explorar com profundidade esta pesquisa que tanto nos toca e nos move a realizá-la. Neste momento após a vivência de quatro meses no estudo, detectamos um novo uso da

tatuagem no corpo de jovens em São Paulo e Rio de Janeiro. Eles fazem do corpo uma tela para colecionares desenhos de artistas tatuadores. E também de lugares que escolheram para conhecer.

Neste momento precisamos de mais tempo para a pesquisa já que se trata de uma nova perspectiva e necessitamos de mais um ano para que a pesquisa ganhe corpo e estudo.

2 . Objetivos

- 1- Identificar a construção das identidades pós-moderna, tribos urbanas através da tatuagem de marcas e produtos da indústria cultural na pele e o hiperconsumo.
- 2- Traçar a memória do momento da escolha da tatuagem e a escolha pelo produto da indústria cultural.
- 3- Buscar através das entrevistas com vinte e um sujeitos escolhidos para pesquisa as definições de memória individual e coletiva, história e cotidiano, imaginário cultural e desenvolver uma técnica dentro da metodologia da história oral para uma pesquisa voltada para o “novo sujeito” da contemporaneidade na utilização de técnicas de entrevistas e resgate dessa memória e imaginário.
- 4- Detectar o que Muniz Sodré (2006) e Jacques Rancière (2005) identificam como “Experiências sensíveis”: memória, afetividade e consumo. Neste objetivo está contido os aspectos mais importantes desta pesquisa – pois trataremos dos vínculos afetivos que os levaram a escolher o símbolo da indústria cultural.
- 5- Compreender a história do consumo a partir das teorias de Gilles Lipovetsky (2007), Arjun Appadurai (1996) e Mike Featherstone (1990).
- 6- Dividir as pesquisas entre *Tatuagens de Marcas de Produtos e Tatuagens de Marcas da Indústria Cultural* e também *Marcas da arte na tatuagem*
- 7- Iniciar a pesquisa sobre a dimensão de *Colecionismo de Tatuagens* (onde os indivíduos buscam os artistas tatuadores pelo país e fora do país).

2. Metodologia

A reflexão levará em conta um entendimento a respeito das relações entre identidade na pós-modernidade e o consumo. Além disso pretende compreender o aspecto de colecionismo de artistas tatuadores nos corpos dos jovens. Focando na escolha da tatuagem para perpetuar produtos e imagens na pele, bem como a relação

disso com a cultura midiática e de consumo. Para isso será utilizado como procedimento metodológico as entrevistas, fotografias e imagens (documentários realizados).

Dessa forma, poderemos identificar, no momento dessa escolha, algo que as levaram afetivamente para o ato da tatuagem. Como o pesquisador Muniz Sodré (2006) discute em obra recente, este exemplo permite verificar um tipo de vínculo sensível da cultura midiática e de consumo à vida das pessoas. O que nos chama a atenção é a escolha do símbolo e do produto no que diz respeito às novas sensibilidades do “ser e estar na nova sociedade”. Como subsídio para esta reflexão, além dos autores citados, utilizaremos os trabalhos de Mauro Wilton de Souza (2006) Massimo Canevacci (2005) e Mario Perniola (2000).

No caminhar da pesquisa decidimos separar o trabalho existente em *Tatuagens das Marcas do Consumo e Tatuagens de Marcas da Indústria Cultural*. Além disso pretendemos buscar a dimensão do *Colecionismo na Tatuagem*.

3. O que se espera da pesquisa teórica:

Walter Benjamin afirmava, em seu texto “O narrador” (1994), que há uma crise da recepção produtiva porque abandonamos a forma de narrar às experiências que faz o ouvinte se tornar um novo relator. Isso pode implicar a incapacidade de verbalizar nossas escolhas, nossos anseios, nossas vivências, mas nossa expressão disso talvez se traduza, entre outras possibilidades, pela escolha de imagens do corpo e de imagens sobrepostas ao corpo. Segundo Lipovetsky (2007) “o consumo emocional indica, então, a vitória do “ser” sobre o “parecer”.

O que chamo de “consumo emocional” corresponde apenas em parte a esses produtos e ambiências que mobilizam explicitamente os cinco sentidos. Ele designa, muito além dos efeitos de uma tendência de marketing, a forma geral que toma o consumo quando o essencial se dá de si para si. Em profundidade, o consumo emocional aparece como forma dominante quando o ato de compra, deixando de ser comandado pela preocupação conformista com o outro, passa para uma lógica desinstitucionalizada e intimizada, centrada na busca das sensações e do maior bem-estar subjetivo” (LIPOVETSKY, 2007, p.46)

A internet, o celular trazem para dentro de nossa vida o distante, o estranho, o passado e o futuro. Como nos afirmarmos como seres singulares e nos perpetuarmos simbolicamente num mundo em constante mudança?

Michel Serres (2001, p.18) colabora com esta reflexão quando no capítulo VEÚS do seu livro *Os cinco Sentidos* nos remete a tatuagem:

Eis a tatuagem: (...) Os que têm necessidade de ver para saber ou crer desenham ou pintam e fixam o lago de pele inconstante e ocelado, formam visível, com cores e formas, o puro tátil. Mas para cada epiderme, seria preciso uma tatuagem diferente, seria preciso que ela evoluísse com o tempo: cada rosto pede uma máscara tátil original. A pele historiada traz e mostra a própria história(...) aí se imprime a memória. (...) a pele vira porta bandeira, quando porta impressões. (...) minha pele historiada, líquida e cambiante. (...) Alam global: pequeno lugar profundo, perto do espaço emoção. Alma local e de superfície: lago viscoso pronto para agarrar.

Traduzir as escolhas de cada um na forma de ícones a serem exibidos socialmente é um elemento de distinção dos que se tatuam em relação a determinados grupos sociais e faixas etárias. O fato de que diversas sociedades pratiquem isso ao longo dos tempos e que vários canais por assinatura nos dias de hoje transmitam sessões de tatuagem. Buscar entender esses símbolos com o auxílio das falas daqueles que mostram suas preferências e estilos de consumo cultural na pele é um recurso para acompanhar com lucidez as mudanças que ocorrem no cotidiano da nossa sociedade.

Para entender esta mudança precisamos imergir nesta pesquisa e em cada entrevista com sua aura singular, dado as inúmeras variáveis e reverberações da comunicação instaurada ao longo deste tempo – nesta pesquisa.

A história da tatuagem de cada entrevistado está diretamente relacionada com suas experiências de vida, que mesmo em lugares diferentes e países diferentes, são diferenciadas no contexto, assimilação e significação.

Esta comunicação corporal da tatuagem é abrangente e merece pesquisas em profundidade. A tatuagem não se refere apenas a um sinal na pele, e sim a um estilo de vida adotado. A expressão da tatuagem só pode ser interpretada mediante seu sujeito, que carrega demais características convergentes ou não.

A tatuagem incide em um outdoor ambulante, que divulga e comunica. E percebemos que em todos os lugares, e em todos os depoimentos – é que como nos diz Arjun Appadurai (2009) que deveríamos analisar a relação entre o global e o local. Além disso Appadurai acredita que é na localidade que há a circulação, e as alterações constantes. Isso tudo produz o cotidiano e com ele uma gama de afetos, sentimentos e subjetividades afloram.

Appadurai acredita que precisamos constantemente de uma carta náutica para compreender as novas vivências midiáticas (identidades e relações). Algo que nos remeta a imaginação e ao que acontece de fato. A carta náutica se diferencia da cartografia que é fixa. Ela depende do movimento das estrelas, ventos, da posição que nos encontramos, da fase da lua. Pois tudo é circulante, fluido, não só porque nos movemos constantemente fisicamente, mas simplesmente porque captamos tudo o que se move.

Esta é nova vida é midiática e é vivida no cotidiano, nada é fixo. Os elementos de movem, os sentidos também, e é onde a intimidade e as escolhas estão sempre presentes.

4. Referências Bibliográficas da Pesquisa

ALMEIDA, Milton José de. **A Educação Visual da Memória: imagens agentes do cinema e da televisão.** *Pro-Posições*: revista quadrimestral da Faculdade de Educação – Unicamp, vol. 10, nº 2, [29] – julho/1999, pp. 9 – 25.

BOUGNOUX, Daniel. **Introdução às ciências da Comunicação.** Bauru: EDUSC, 1999 p. 13 – 17.

BRAGA, José Luiz. **Circuitos versus campos sociais,** in *Mediação & Mídiatização*, org. Maria Ângela Mattos, Jeder Janotti Junior e Nilda Jacks. Salvador: ed. EDUFBA, Brasília, Compós – 2012.

CANEVACCI, M. **Culturas extremas, mutações juvenis nos corpos das metrópoles.** Rio de Janeiro: DP& A. 2005.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de Consumo e Pós Modernismo.** SP: ed. Studio Nobel, 1995.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP & A. 2000.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história.** Rio de Janeiro: Paz e Terra.1985.

KERCKHOVE, Derrick de. **A Pele da Cultura**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1997.

LE BRETON, David. **A Sociologia Do Corpo**. Petrópolis: Editora Vozes; 2006.

_____. **As Paixões Ordinárias: Antropologia das emoções**. Petrópolis – RJ: Vozes, 2009.

LIPOVETSKY, Gilles. **A Felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo**. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das Tribos: declínio do individualismo nas sociedades de massa**. RJ: Forense, 2000.

_____. **A Conquista do Presente**. Rio de Janeiro: Ed. Rocco. 1984

MORIN, Edgar. **O cinema ou o homem imaginário**. Lisboa: Relógio D'água/Grande Plano, 1997.

PEREZ, Clotilde. **Signos da marca: expressividade e sensorialidade**. São Paulo: Thomson Learning. 2004.

PERNIOLA, Mario. **Pensando o ritual: sexualidade, morte mundo**. São Paulo: Studio Nobel. 2006.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Variações sobre a técnica de gravação no registro da informação viva**. SP: T.A. Queiroz, 1991.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha sensível: estética e política**. São Paulo: EXO Experimental, editora 34. 2005

SERRES, Michel. **Os cinco sentidos: filosofia dos corpos misturados**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2001.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias Sensíveis: afeto, mídia e política**. Petrópolis: RJ, Vozes, 2006.

SOUZA, Mauro Wilton. Recepção midiática: linguagem de pertencimento. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la comunicación**. São Pualo: ALAIC. jan-jun.ao 2. no, 2. 2005.p10-21.

TRINDADE, Eneus e PAVAN, Maria Angela. **Memória da pele e histórias do consumo: marcas e produtos tatuados no corpo**. Texto apresentado no GT História da Publicidade e Propaganda do VI Congresso Nacional de História da Mídia da Rede Alcar na UFF/Rio de Janeiro, maio de 2008.

5 - Transcrições de algumas entrevistas realizadas no período de pós doutoramento.

Entrevista 1

Memória da pele e histórias do consumo: marcas e produtos tatuados no corpo

Entrevistado: Everton Leite de Aquino

Tatuagem: Pica-Pau

Data da entrevista: 23 de outubro de 2013.

P: Everton, você vai falar pra gente seu nome completo e a sua idade.

Everton: Tá. Meu nome é Everton Leite de Aquino e tenho 31 anos.

P: O local que você nasceu e quantas vezes você se mudou.

Everton: Eu nasci... se não me engano foi na Casa São Lucas...

P: Quantas vezes você mudou.

Everton: Eu já me mudei 4 vezes.

P: De cidades, de pais?

Everton: De cidades. Natal, de Natal para São Paulo, de São Paulo Rio de Janeiro, Rio de Janeiro Recife e Recife João Pessoa.

P: Você pretende se mudar novamente?

Everton: Pretendo. Se Deus quiser.

P: Já sabe pra onde?

Everton: Tô esperando algumas respostas ai.

P: Você estuda? Estudou?

Everton: Estudei. Estudei, me formei em Gastronomia aqui em Natal na UNP e estudei no SENAC São Paulo gastronomia... Culinária Japonesa.

P: Você lembra qual foi o teu primeiro trabalho?

Everton: Meu primeiro trabalho? Eu lembro. Trabalhei como pastorador de carro.

P: E agora você está trabalhando com o que?

Everton: Agora eu sou Sushi Man.

P: Everton, o que você gosta de fazer nos seus momentos de lazer?

Everton: Surfar e ficar com a minha filha.

P: Certo. Seus lugares preferidos?

Everton: Praia, no caso Tabatinga e os barzinhos a noite.

P: Everton, quando você começou a se interessar por tatuagens?

Everton: Tatuagem? Desde os 8 anos de idade foi eu comecei a ver o surf e ver que muito surfista tinha tatuagem então eu queria surfar pra ter tatuagem na verdade (risos).

P: Você queria surfar...

Everton: Isso, pra poder ter tatuagem. Porque todo surfista tinha uma tatuagem, entendeu. Então eu aprendi a surfar com 15 anos de idade, guardei uma tatuagem até completar 18 anos de idade pra poder ficar maior de idade e poder fazer minha tatuagem, aí fiz a primeira tatuagem.

P: Deixa eu ver se entendi. Você já gostava de tatuagem?

Everton: Já gostava de tatuagem desde os 8 anos quando vi uma tatuagem.

P: você lembra qual foi a tatuagem?

Everton: Lembro. É a que eu tenho hoje.

P: Que tá aqui no braço?

Everton: Que tá aqui... um sol e uma lua. Eu tirei de uma caderno que eu tinha na escola e guardei...

P: E aí você para fazer a tatuagem precisava ser surfista antes?

Everton: Bem, pra mim sim. Naquela época né, eu moleque achava que sim então... Era o jeito! Tinha que surfar e fazer uma tatuagem depois.

P: então o surf apareceu na tua vida por causa da tatuagem?

Everton: Não. O surf porque eu gostava do surf desde os 8 anos. Eu queria ter uma prancha mas não tive condições de ter porque ninguém queria me dar uma prancha. Então quando fiz 15 anos eu comprei minha primeira prancha. Aí foi quando aos 18, eu fiz a minha primeira tatuagem. Ai eu digo: Agora eu sou um surfista completo. (Risos)

P: Você tem quantas tatuagens?

Everton: 8.

P: Dessas oito, duas são...

Everton: Duas são o Pica-Pau.

P: Você lembra qual foi a primeira vez que você viu o Pica-Pau?

Everton: Lembro. Foi com 5 anos de idade.

P: Pode contar como foi?

Everton: Posso. Eu tava... eu fui criado pelas minhas avós né... Tava na casa de uma delas foi quando começou... vi um desenho... Minha avó botava pra mim uns desenhos meio besta que eu não gostava. Aí foi quando apareceu o Pica-Pau e começou aquela risadinha dele. Ai eu: “Pô isso aqui é legal!” E vi que muita coisa do Pica-Pau tinha a ver comigo né. É que o Pica-Pau sempre gosta de se dar bem em tudo na verdade em cima das pessoas e eu na época eu era assim, quando eu era moleque. Queria me dar bem em cima de todo mundo e no final das contas me dava bem. Só que quando eu me dava mal, me estrepava de vez, me dava mal mesmo. Quem o Pica-Pau. Ai eu digo: “Porra, interessante. Parece que tem alguma coisa a ver comigo, então minha segunda tatuagem vai ser essa ai, o Pica-Pau”

P: Mas isso, essa identificação que você tem com o Pica-Pau, você descobriu quando era pequeno?

Everton: Quando era pequeno. Com 5 anos de idade e vi e comecei... Até hoje eu vejo o Pica-Pau. Quando não estou fazendo nada em casa eu assisto.

P: Como foi o momento da escolha né, dessa tatuagem do Pica-Pau. Ai você pode falar é... ou você primeiro de uma e depois da outra ou pode falar das duas... Você escolhe. Por que eu não sei se uma tem significado diferente da outra...

Everton: Tem, tem. Tem um significado. A primeira, que foi o Pica-Pau que está com a prancha que é justamente o da identif.... o da barriga, que é justamente a minha identificação por eu surfar e por me achar um pouco parecido com o Pica-Pau então eu fiz o que? Eu fiz o personagem Pica-Pau com a prancha, identificando. A segunda tatuagem é outro Pica-Pau numa paisagem com minha mãe numa barraca, a gente acampando só que eu sou o Pica-Pau e ela é uma bonequinha que lá eu pedi para fazer

na hora. E minha mãe é o tipo da pessoa que ela gosta de tá sempre bisbilhotando né, me bisbilhotando sempre, olhando o que eu faço e deixo de fazer. Ai eu disse “Pô, então tem alguma coisa a ver também. Eu vou fazer uma tatuagem que inspire minha mãe, o Pica-Pau, uma paisagem que é aonde eu gosto, que eu me sinto bem que é a praia e é alguma coisa que tem a ver também com os dois ”..

P: Certo, essa foi a segunda... Foi em que ano que você fez?

Everton: O ano? Se eu não me engano foi em dois mil e..... sete. Dois mil e sete a primeira. A outra veio em... dois mil e... nove dois mil e dez a segunda se eu não me engano. Porque antes dessa, vieram outras. Veio o Taz Mania que eu tinha na perna ai.... Não gostei e acabei fazendo outra por cima

**P: É mesmo... tu tinha o Taz, eu não lembrava. Por que tu apagou Everton?
Alias, reformulando. Por que tu fez o Taz?**

Everton: Eu fiz porque eu gosto de desenhos animados né e tipo, eu sempre tive vontade de fazer junto era o Pica-Pau, o Taz, o Pernalonga e o... Patolino (Risos) Mas ai só deu pra fazer essas duas, o Pica-Pau e o Taz. Como eu queria tudo junto e o cara fez separado ai eu, poxa, não gostei ai eu disse “ Não, eu vou cobrir e fazer outra por cima”.

P: E porque essa turma toda?

Everton: Porque eu gosto de desenho.

P: Mas tem um motivo assim...um sentimento por cada personagem.

Everton: Não não. O sentimento que eu tinha era pelo Pica-Pau mesmo, era o personagem que eu gostava mesmo dos desenhos.

P: Aí você cobriu o TAZ...

Everton: Cobri por essa tatuagem aqui, no caso são três desenhos na verdade.

P: Ficou nada do Taz. Só lembrança.

Everton: Só lembrança. Ficou umas cores ainda por aqui assim mas ...

P: Beleza. Vamos voltar para a tatuagem do Pica-Pau. Você lembra como foi o momento da escolha dessa tatuagem? Suas sensações... Como foi o dia...

Everton: O dia eu não lembro, mas eu namorava com uma menina e já tinha falado pra ela o que eu queria fazer né, e assim, eu nunca tive... meus pais sempre foram contra a usar brinco, a usar tatuagem. Meu pai era um que dizia que se eu fizesse uma tatuagem ele arrancava da pele né. Aí essa minha namorada sempre me incentivou e tal. E ela gostava também né. Aí eu digo” Pois é, vou fazer uma tatuagem!” Ai acabei fazendo a tatuagem do Pica-pau. Pra mim foi muito bom porque eu fiz com um grande amigo meu, que é o Jô tatoo, lá do centro da cidade e o Jô já vinha me incentivando a muito tempo né, queria um negócio diferente. Ai a gente fez uns rabiscos, algumas coisas mas eu não gostei. Ai eu disse “Pô, vamos fazer o seguinte, vamos fazer uma prancha” Eu queria fazer uma paisagem também mas ai não deu e assim, pra mim foi muito bom porque já gostava, já queria fazer e é isso. O que tenho para falar sobre o Pica-pau é isso ai.

P: Defina em uma palavra o que essa imagem representa para você.

Everton: alegria.

P: Todas duas?

Everton: Todas duas.

P: mesmo com tua mãe lá dentro da barraca?

Everton: Mesmo com minha mãe me bisbilhotando (risos) eu tô quase mandado apagar ela (risos)

P: Quando ela (mãe) viu a tua tatuagem, ela perguntou o que era não?

Everton: Conteí. Tinha até o nome dela também. Ela ficou um pouco emocionada mas reclamou bastante. Ai eu disse que ia tirar ai ela disse “Tire não!” (risos)

P: Como as pessoas reagem quando visualizam tua tatuagem do Pica-Pau?

Everton: Ficam meio sem saber o porquê né e o motivo como devido agora a entrevista você está me perguntando os motivos é... eu sempre falo a mesma coisa né. O motivo é porque eu gostava do Pica-Pau, tinha muito coisa a ver comigo. Algumas gostam, outras criticam como já teve, já aconteceu, acharam que era coisa de criança mas todo mundo... o ser humano é uma criança né. A gente começa criança, vai crescendo, amadurecendo, crescendo, envelhecendo e vai ficando criança de novo. É isso.

P: Como você se sentiu quando estava surfando e fez a tatuagem?

Everton: (risos) eu me senti um completo Pica-Pau (risos) Porque, tipo aqui no Brasil nos chamamos de Pica-Pau certo. Na Espanha é conhecido como Passaro loco. Muita gente achava que era meio louco também né. Ai eu conheci um espanhol que a gente surfou junto também e quando ele viu o Pica-Pau ele fez “Nossa Mano! Isso é o Passaro Loco?” (risos) Ai eu fiquei sem entender o motivo do Passaro Loco. Ai ele disse que lá na Espanha se chama Passaro Loco. Ai disse “Ah, agora entendi.” Aqui no Brasil é o Pica-Pau. E... agora me perdi... como foi a pergunta?

P: como você sentiu quando você já estava com a tatuagem e surfava... Você disse que sentia o verdadeiro pica-pau.

Everton: Tá. É completo. Porque, como eu queria fazer a tatuagem e queria surfar então eu aprendi a surfar e fiz a tatuagem então eu me senti completo no que eu queria fazer. E acabei realizando meu sonho na verdade que era fazer a tatuagem e praticar o surf.

P: você se arrepende de alguma tattoo?

Everton: Não, de nenhuma.

P: Você faria de novo?

Everton: Faria e vou fazer mais.

P: Mais do que? Do Pica-Pau?

Everton: Não, do Pica-Pau não, outras tatuagens agora eu não sei qual.

P: Você consegue se imaginar daqui há dez anos?

Everton: (Silêncio/reflexão) Não.

P: Nem um pouquinho?

Everton: Nem um pouquinho. Porque eu gosto de viver o momento não penso assim num futuro daqui há dez anos...

P: Daqui há cinco?

Everton: Também não.

P: Daqui há um?

Everton: Daqui há um ano eu pretendo tá rico? (risos)

P: Rico?!

Everton: É!

P: (Risos) Tu é o Pica-Pau mesmo Everton... Tá certo... Caso você pudesse mudar algo na sua vida imediatamente, o que você mudaria?

Everton: (silêncio seguido de suspiro) Boa pergunta essa... (silêncio longo) Mudaria é... deixaria de ter medo de algumas coisas... eu ainda tenho muito medo. Essa é uma das coisas que eu gostaria de tentar mudar né. E o relacionamento com a minha família né. E com a minha outra filha também. É isso que eu mudaria.

P: O que a palavra futuro representa para você?

Everton: (Silêncio) Futuro... Para mim representa um grande trabalho pela frente na minha profissão. Me transformar num grande chefe sushi man reconhecido no Brasil, é o que eu quero, o que eu almejo é isso ai né. Sempre buscando, inovando, indo atrás de novos conhecimentos. Um dos motivos pelo qual eu não quero ficar aqui em Natal porque aqui em natal eles não dão oportunidade de crescimento e aqui o estudo é precário né e, lá fora tipo no sul, no Rio de Janeiro, São Paulo é... tem mais oportunidade de trabalho e de crescimento. Você é mais valorizado, mais reconhecido. E pra querer ser o que eu quero hoje eu tenho que sair daqui entendeu, correr atrás ver se abre portas, janelas para outros lugares ai como Fernando de Noronha como estou esperando.

Entrevista 2

Memória da pele e histórias do consumo: marcas e produtos tatuados no corpo

Entrevistado: Larissa de Azevedo Freitas

Tatuagem: Iron First – Título da Música do grupo Motorhead e Whisky Jack Daniel's

Data da entrevista: 02 de novembro de 2013

P. Nome e idade

Larissa de Azevedo Freitas, eu faço 29 agora dia 17 de novembro sou de 1984, quase uma Balzaquiana (risos).

P. Onde você nasceu?

Eu sou daqui de Natal mesmo. Torcedora do ABC, alvinegra ferrenha (risos)

P. Você sempre morou aqui? Já se mudou?

Eu passei a maior parte da minha vida aqui em Natal, só que teve uma época que eu fui para São Paulo e passei uns meses lá né estudando, fazendo umas especializações em tratamento de imagem, produção gráfica e depois voltei para Natal, passei mais uns anos aqui e quando foi no ano passado ou foi no ano retrasado... é que passou tão rápido... eu fui para Recife a trabalho, fui trabalhar numa agencia de publicidade lá bem grande, bem famosa e depois voltei para cá. Não agüentei morar em Recife e preferi vir morar em Natal, mais tranqüilo, na minha calma, na minha paz. Eu estava precisando de paz.

P. Qual a sua formação?

Eu sou formada em Publicidade e Propaganda pela Universidade Potiguar. Atualmente eu faço graduação em História na UFRN, bacharelado na UFRN. Eu já fazia antes, na verdade eu fazia os dois cursos juntos só que por causa da demanda de trabalho que foi aparecendo, em publicidade, ainda mais meu cargo de arte-finalista, você meio que não tem pra sair então eu tive que abandonar e quando foi ano passado eu fiz o vestibular, o último vestibular da história eu fiz e passei em segundo lugar, num sei como depois de dez anos fiz vestibular, voltei ai tenho uma pós graduação que ainda não estar concluída, falta concluir o planejamento estratégico de comunicação e fiz um MBA em Marketing mas eu odiei, marketing não é a minha ai eu sai e pronto, agora eu sou uma estudante de história.

P. Você lembra qual foi teu primeiro trabalho?

Em publicidade?

P. O primeiro trabalho de sua vida.

Assim, na época da escola ainda, eu gostava muito de fazer artesanato, fazer trabalho manual. Eu fazia velas, sabonetes mas não foi o primeiro trabalho porque eu mas me divertia do que fazia para vender. Eu acabava fazendo todos os sabonetes e dava para todas as amigas, para minha mãe, pro pessoal da família então eu não cheguei ganhar dinheiro, eu só fiz gastar, trabalhei só né (risos). Mas o primeiro trabalho mesmo que eu fui para receber foram dois na verdade, os dois ao mesmo tempo. Eu tenho muito isso na minha vida de fazer duas coisas ao mesmo tempo. Você vai ver conforme... eu trabalhei no Gringo's Bar que hoje não existe mais, hoje em dia é o Wesley's, continua na mesma praça ali, eu trabalhei lá como bar thender e ao mesmo tempo eu trabalhei estagiando numa produtora de vídeos chamada DVP ela era acoplada à UNP e eu era monitora de Direção e Produção de VT então esses foram meus dois primeiro trabalhos.

P. Que bom né! Foi um na área...

É, foi um na área e outro na vida, costume dizer isso.

P. E agora? Você está trabalhando?

Olha, agora nesse exato momento, eu estou me dedicando mais a universidade. To trabalhando como freelancer, sempre aparece trabalho então to, to trabalhando mas trabalhando em casa e de vez em quando eu vou, tiro as férias de algum arte finalista como eu sou muito conhecida no mercado publicitário porque arte-finalista existem poucos ainda mais mulheres existe menos ainda, eu fui a primeira a sair da universidade e virar arte-final então eu to sempre ai cobrindo férias, ajudando algumas agências, as vezes eu vou para Recife o pessoal precisa de mim por uma semana para fazer um trabalho, eu vou viajo, volto...

Pausamos a entrevista por conta de um helicóptero da policia que sobrevoava. Era um sábado e teve jogo do ABC, time que Larissa torce, e começamos a falar do seu gosto pelo futebol.

P. Você gosta de futebol né?

Gosto, eu gosto de muita coisa de menino, entre aspas, eu gosto de muita coisa diferente o pessoal olha pra mim assim quando começa a me conhecer e diz cara você é uma metamorfose ambulante você é que não dá para encaixar. Por que? Eu gosto muito de Heave Metal, Blues e já cantei em banda mas eu faço canto lírico eu faço parte de um grupo de ópera. Então a galera fica “Nossa mas você é cantora de ópera?” Não, eu estudo para ser uma cantora de ópera mas sim, eu canto ópera. Ai tem esse

lance, eu gosto muito futebol, a minha vida inteira eu fiz artes marciais eu fiz oito anos de karatê e três anos de boxer. Parei por causa de uma lesão na coluna, fiz cirurgia esse ano mas to contando os dias para poder voltar. Então eu sempre fui assim, sempre fui muito o lado acadêmico da minha mãe, de vaidade também nossos somos descendentes de árabe então a galera é muito vaidosa e o lado meio moleque do meu pai, aventureiro, ele gosta de acampar, praticar artes marciais, praticar tiro ao alvo, eu também, desde os sete anos, eu sou de família de atiradores então desde os sete anos estou lá no clube de caçadores, atirando já com altas armas legais (risos) então essas duas misturas, yin e yang.

P. Pelo menos não vive na monotonia...

Pois é, eu tento viver na monotonia mas sempre aparece alguma coisa que sacode a minha vida e eu digo vamos lá! E começa de novo. Por isso que eu tatuei uma Fênix, eu tenho essa Fênix tatuada aqui, ela representou uma fase da minha vida que, como o pessoal de Recife fala, foi bem cabulosa mas tamo aí.

P. Está voando né

É, a vida é Shiva né. Você tem que queimar para poder nascer de novo. A vida é toda uma reconstrução.

P. O que você gosta de fazer nos seus momentos de lazer?

Como eu falei, eu gosto muito de esporte, eu gosto muito de assistir luta como eu estou sem poder lutar então eu fico assistindo muito luta, gosto de assistir jogos do meu time né, o ABC e vamos trucidar o América hoje, tomara porque tá só perdendo. Gosto muito de música né tanto Heave Metal como Rock and holl, música dos anos 60 e 70, Blues eu sou apaixonada por Blues e muito música clássica, ópera e coral. Eu gosto tanto de cantar quanto de ouvir. Tem gente que gosta ou de um ou de outro. Eu tenho amigas no grupo de ópera que não gosta de ouvir mas canta. Eu sou o contrário eu chego em casa e realmente escuto ópera,mas assim o meu vício mesmo é leitura, eu sou aficionada por livro, eu tenho um daqueles leitores que tem mais de dois mil e quatrocentos livros dentro e eu ando com ele na bolsa. Então eu to num canto eu não consigo ficar esperando sem fazer nada, eu sou hiperativa, eu tenho hiperatividade cerebral, então que tá sempre lendo, pensando em alguma coisa então eu vou lá, tiro e leio eu não consigo dormir sem ler um livro antes, nem que seja um capítulo porque senão eu fico pensando nas coisas que aconteceram durante o dia e nem o remédio de dormir faz efeito porque eu tenho insônia braba. Ai só consigo dormir lendo, tudo na minha vida está associado a leitura, tudo tudo tudo!

P. Até as tatuagens?

Eu não digo assim que... eu tenho algumas frases tatuadas mas todas as minhas tatuagens elas são eu gosto muito do lado simbólico das coisas, estudar simbologia. Então é aquela velha história que o pessoal pergunta “Ah, mas as tuas tatuagens tem significado?” Eu acabo dizendo que não tem porque eu não gosto de ficar puxando conversa e ficar explicando mais de trinta tatuagens né, porque realmente é um saco. Mas sim, todas têm muito, muito significado e eu tenho um lance que aconteceu uma coisa muito doida na minha vida ou então vai acontecer então eu vou e faço uma tatuagem aí vou lá e faço. Por exemplo, essa última aqui ela foi justamente isso, eu ia fazer uma cirurgia muito complicada que deu uma mudança muito grande na minha vida que foi a cirurgia do estômago para poder melhorar né a minha coluna, então eu fiz esse símbolo de sorte né, um símbolo com a ferradura com a figa ocidental né e o nome fortuna em baixo que em latim quer dizer sorte. Então é tudo meio assim, aconteceu ou vai acontecer alguma coisa eu falo poxa, vou fazer uma tatuagem. Terça-feira eu vou fazer outra tatuagem eu quero fazer uma que se chama Memento Mori que em Latim é “Lembra-te que morrerás” eu quero fazer nesse espaço aqui (aponta para o antebraço). Eu perdi tantos amigos no ano passado e eu vejo que a cada dia que passa e a vida da gente tá tão frágil... eu já perdi mais amigos que minha mãe que tem 62 anos então a nossa vida o mundo é assim, tá cada dia mais perigoso, os automóveis, então a vida tá virando uma coisa cada vez mais é viva rápido e morra rápido. Difícil né você tem que batalhar pela sobrevivência, aí eu quero tatuar isso: Lembra-te que morrerás ou seja, não desperdice. Aí já tem uma aqui atrás que tem escrito Live short, a vida é curta, com relógio e areia e com asas, ou seja o tempo voa. Essa daqui ó. É um relógio de areia com asas e simboliza que o tempo voa e as chaves que é você ter o controle da sua vida, você abre e fecha portas. Então é muito simbolismo, muita simbologia. A primeira tatuagem que eu fiz foi um pentagrama que é essa daqui, foram duas tá vendo! Eu comecei com duas, foi um pentagrama e uma rosa vermelha nas costas que um símbolo tanto da feminilidade como da proteção né, a fragilidade da rosa e os espinhos. Aí eu fiz pá! Duas! Acho que foi por isso que desembestou né porque eu comecei logo com duas e grande, no braço logo. Aí tudo tem um simbolismo, tudo, desde quando você acorda quando você dorme, o que dirá das tatuagens né. É, nosso consciente tá aí para isso.

P. Para fecharmos esse bloco, queria saber com quais pessoas você gosta de estar nos seus momentos de lazer.

É meio estranho. Eu gosto muito de estar com meus amigos, com minha família. Eu tenho uma família pequena mas nós nos amamos muito, somos poucos mas é engraçado que nos meus momentos de lazer eu prefiro estar sozinha eu sou meio misantropa ou pelo menos tento ser né eu tento ser meio heremita né porque eu tenho uma sensibilidade muito grande eu tenho muita tendência a ficar depressiva então chego uma hora da minha vida que eu parei e pensei: se eu não aprender a ser feliz sozinha, eu vou estar sempre dependente de ter alguém ao meu lado, então vamos acostumar a ter eu mesma! Só eu mesma e ser feliz comigo mesma. Foi ai que decidi sair da casa da minha mãe e ver como ela ficou triste com a minha saída e ficar sozinha foi o que me fez continuar sozinha e tentar educar ela da mesma forma, entendeu. Meu irmão mora no Rio Grande do sul, meus pais são separados, meu pai já tem outra família então tem que haver esse desapego, então eu tô trabalhando muito desapego mas existem pessoas assim que estão sempre por perto uma delas é minha irmã, eu tenho dois sobrinhos, ai são duas paixão na minha vida, inclusive eu tatuei o nome deles dois aqui Teo e Nina, eles são meus amores e eu sou meio que a madrinha deles e outra pessoa também é minha amiga Carol, ela minha amiga desde os 13 anos de idade então nós somos muito juntas e ela é muito parecida comigo, ela tem esse lado bem masculino digamos assim, também é do mesmo jeito, sem frescura sem nada também é uma pessoa pouco solitária então a gente se dá muito bem. E sempre mantivemos essa amizade, agora pouco nós fomos num show juntas em São Paulo, o show do Black Sabbath que foi a coisa mais alucinante da minha vida.

P. Foi quando o show?

Foi agora, dia 11 de outubro, dia 9 de outubro agora estou confundindo as datas eu sou péssima com números, mas foi agora pouco.

P. Você viajou exclusivamente para São Paulo...

Foi dia 13! Desculpa, foi dia 13! Não, não foi dia treze (risos) é que na palhetinha tinha escrito o ano, que eles vieram em 2013. Num sei esqueci, foi tão alucinante que eu esqueci até a data (risos).

P. Então é tua banda favorita?

Não, não é a minha banda favorita, é uma das mas não a favorita. A minha banda favorita é eu tenho um top four assim né que a primeira é o AC/DC que para mim é a top, uma banda que dá para você escutar em todos os lugares, não existe quem não vai gostar do AC/DC e não existe ambiente que você diga não aqui não dá pra colocar o AC/DC. Então é sempre bom, todas as músicas são bacanas e eu considero como

minha banda favorita. A segunda é Motörhead, inclusive eu fui ao show deles, foi a primeira estrelinha na farda que eu recebi que foi assim um dos maiores acontecimentos da minha vida. Eu lembro que quando eu vi o Lemmy, o vocalista eu fiquei sem ação, meu coração chega palpitou eu pensei assim Caraca, eu escuto esse car desde pequena, vejo foto, tenho material aqui, tenho DVD tenho tudo e eu to vendo ele aqui, eu to vendo a bota dele aqui assim, cantando na minha frente. Eu lembro que eu fiquei até meio sem ar, eu fiquei lá atrás eu não consegui ficar lá na frente e assim que voltei para Natal eu disse “Vou fazer uma tatuagem em homenagem a esse show!” eu queria muito fazer uma tatuagem nos dedos, eu acho bonito, eu não sei porque eu acho bonito e meio masculina, a galera fala que é meio masculina, meio coisa de presidiário mas eu não to nem ai e eu fiquei pensando que frase eu colocaria. E meu namorado na época falou o seguinte: “Olha, porque porque você não tatua Iron Fistr, significa punho de ferro porque dá para juntar duas coisas suas, primeiro seria uma música do Motörhead e você tá querendo tanto fazer uma homenagem, porque eu ia tatuar o símbolo da banda ai a outro é porque você luta, punho de ferro. Ai eu disse nossa, genial! Ai no outro dia eu já cheguei pro meu tatuador “Marcelo, amanhã eu quero fazer uma tatuagem”! “Ah, mas eu to sem vaga” ai eu disse o que eu queria fazer e ele não tatua mão de jeito nenhum aiele disse “Olha eu só vou fazer porque é para você” ai peguei e fiz.

P. Foi quando que você fez?

Eu não faço a mínima ideia (risos) porque são tantas uma atrás da outra que eu esqueço até a ordem do que eu faço, mas eu lembro que foi quando eles tocaram no Abril pro Rock em Recife mas eu não lembro qual foi o ano.

P. Quando te entrevistamos há uns 3 anos atrás você não tinha?

Não tinha. Eu tenho ali dentro a entrada, então a gente olha direitinho.

P. Você guardou?

Guardei! Aaah!!!! (risos) e como guardei, guardei a pulseirinha do Black Sabbath também que era uma guitarrinha, era muito legal parecia que você tava usando um relógio de guitarra, ai eu guardei. Eu sempre guardo uma lembrança bacana assim desses acontecimentos né. Eu nunca tive diário quando eu era criança pra colocar né a galera sempre cola né cola figurinha, papel Ah! Eu ganhei esse bombom. Mas comecei a fazer isso depois de velha. “Ah meu Deus! Vou guardar a entrada do show! Vou guardar a pulseirinha show, vou guardar a palhetinha do músico que eu ganhei.” Ai pronto, eu tenho um monte de coisa guardada ali e é bom também porque minha

memória é meio ruim ai eu lembro o ano das coisas porque se não eu não lembro nem a pau! As vezes eu esqueço em que ano a gente está! (risos)

P. Eu queria saber se você lembra qual foi o momento que você começou a pensar em tatuar teu corpo?

Para ser bem sincera, foi uma coisa meio clichê mas que realmente é verdade: desde pequena eu queria muito fazer tatuagem. Eu gostava muito de desenhar então eu lembro que eu ganhei um conjunto de canetas de nanquim do meu pai né aquelas com várias espessuras e tal e eu lembro que levava essas canetinhas para escola e tatuava o braço dos meninos, fazia tribal todo mundo achava que eu ia virar uma ótima tatuadora e eu fazia. E quando a galera colocava gesso na perna não deixava ninguém assinar pra poder eu primeiro fazer uma tatuagem ai eu fazia um puta tribalzão na perna e ai só depois o pessoal podia assinar porque tinha que guardar espaço para Larissa poder desenhar então eu fazia muitos desenhos: tribal, desenho indiano e desde pequena eu dizia isso “quando eu crescer eu vou fazer um monte de tatuagem assim” E a galera dizia “Ah, você não vai!” E eu dizia que sim e quando eu coloco uma coisa na cabeça... eu sou muito determinada tenho esse lado meio escorpiano mas gostaria de não ter desistido de algumas, gostaria de ter enfrentado algumas mas ai comecei a ficar depressiva e aí “Ai!” e acabei desistindo de algumas mas geralmente na maioria das vezes eu começo uma coisa e vou até o fim então esse lance da tatuagem foi desse jeito. Minha primeira tatuagem foi aos 19 anos e já foi um puta reboliço em casa, meus pais não gostam até hoje, inclusive eu tenho eles dois tatuados aqui: Mainha e Painho e eu fiz questão de colocar painho mesmo e mainha porque eu chamo eles assim então para quê coloca Mom e dad como a galera faz. Foda-se, eu vou colocar desse jeito mesmo (risos) ai mas eles detestam. Minha família detesta tatuagem acho que é pela cidade que a gente vive. Minha mãe não é que ela detesta tatuagem mas o que ela não gosta é do olhar do olhar do terceiro porque uma das coisas que mais doem é o olhar do terceiro e você percebe exatamente a diferença entre o olhar de quem tá apreciando a tatuagem e o olhar de uma pessoa que tá ferindo. Parece que é uma coisa que machuca que entra assim na sua áurea, uma energia negativa e você se sente incomodado. Você se sente dá vontade de você sair de perto daquela pessoa, dá vontade de você se cobrir. Eu ando com um casaquinho para me cobrir nos cantos, em alguns lugares por exemplo fila de médico, fila de banco, supermercado então assim, tem lugares que eu realmente não gosto de mostrar isso sabe? Por isso que eu me senti tão bem em São Paulo porque em São Paulo você é só

mais uma pessoa, você não é ninguém e o mundo é isso, a gente não ninguém nós somos só mais um. É uma colméia de abelha isso aqui nós somos os operários e existem os reis, os zangões mas você é só mais um não importa se você tem uma asa a mais ou menos, você não vai deixar ser uma abelha então para que isso, esse olhar julgando? Você se torna meio que um produto do que as pessoas querem que você seja. Se você fugir daquele padrão, sair daquela zona de conforto, as pessoas se sentem incomodadas com o que você faz com seu corpo, as pessoas se incomodam mas gente, quem deveria estar incomodada sou eu. Quem está recebendo a tinta debaixo da pele com a agulha sou eu, entendeu? O sangue é meu, a pele é minha, a tinta é minha, não é sua. Porque que você está de incomodando? Ai existe esse olhar do terceiro e minha mãe se incomoda com isso ela sente também, ela não gosta quando as pessoas ficam olhando, ela diz que dá agonia “Ai me dá agonia o povo olhando para você!” ai eu falo “é imagina eu” ai ela diz “ e porque que você fez então?” eu fiz “ porque não deveria ser assim. Não deveria ser necessário eu não fazer uma coisa que eu quero por causa do outro.” Então eu vou continuar fazendo... Acho que o único lugar que eu não quero fazer é aqui, nessa parte aqui (peito) porque preserva muito a feminilidade sabe? Não que as meninas que têm tatuagens aqui não sejam femininas inclusive eu tenho muitas amigas que têm e são belíssimas mas em mim, eu me sentiria estranha. Eu gosto de usar jóias, árabe né, pingente eu gosto que apareça. Eu gosto de manter esse chacra aqui mas o resto! Inclusive eu tenho uma visão um pouco diferente. Eu não tenho essa interpretação de que eu estou me cobrindo de tatuagens. Eu sinto que sou desse jeito e que eu to tirando apenas a pele que está por cima. É como se fosse uma capa e na verdade eu estou tirando a capa, mostrando quem eu sou, estou tirando a pele, a pele é minha capa e essa capa que as pessoas gostam, essa é a capa que eu gosto (Larissa mostra as tatuagens) é o que tá debaixo então eu vou apenas tirando. Que nem Michelangelo. Ele dizia que não fazia esculturas, ele apenas ia libertando os prisioneiros da pedra. Pronto, eu imagino que sou a prisioneira da pedra

P. A prisioneira da pele!

É, eu sou a prisioneira da minha pele então eu vou arrancando que nem Michelangelo as arestas. Eu lembro quando fui fazer minha Fênix, que é a minha tatuagem mais simbólica, que é muito eu e muito fotografa por sinal. Eu passei mais de 5 anos, como ela foi a minha terceira tatuagem, eu passei mais de 5 anos com esse desenho guardado. Mas muitas outras tatuagens eu fiz assim de um dia para o outro. Que nem

a tatuagem do Jack Daniel's, foi assim. Eu fiz “ eu vou tatuar a logomarca do Jack Daniel's” a galera disse você tá louca. Eu disse “Por que?” É bonito, esteticamente bonito, é uma coisa que eu gosto, é uma coisa que faz parte da minha vida, entendeu? Tem uma história bacana por detrás da marca, tem todo... não é simplesmente uma marca. A gente sabe que uma marca não é só uma pictografia, uma marca tem toda uma história por trás então quanto mais história ela tem, mais cara fica a marca então para mim ela é uma Marca muito cara porque para mim ela tem uma história muito grande, ela tem uma história muito longa. Então várias festas de ano novo, vários acontecimentos importantes da minha vida que eu tive, eu estava ali com Jack Daniel's. Hoje em dia eu tô passando um tempo sem tomar nada café, wisky essas coisas assim que agredem mais o estomago mas continua ali minhas garrafinhas, minhas coisas continuo comprando meus suvenir. Eu gosto de fazer uma pequena coleçãozinha, então certas marcas são muito caras para mim. Uma delas é a Haley Davison, porque eu sou apaixonada por moto. Coisa do meu pai que gostava muito de moto e a outra é Jack Daniel's, uma bem minha, foi uma descoberta muito minha. Veio quando eu comecei a trabalhar em bar que aí você passa entender o verdadeiro significado daquilo. Quem é a figura que tá bebendo Jack Daniel's? Quem são as pessoas? Não é qualquer Mané que chega e pede um Jack Daniel's. Eu lembro que escutei isso do Gringos, o Wilson, um grande amigo meu e foi meu chefe né, dono do bar e ele chegou para mim e falou “Olha, algumas bebidas elas são mais do que você ler delas, elas são mais do que elas querem dizer. E muito disso vai pelo consumidor. É aquele lance da Ferrari. Não é qualquer um que pode comprar uma, você tem que ver o teu estilo de vida, tem que ver se você faz parte do padrão Ferrari aí sim você pode comprar uma Ferrari, o Jack Daniel's é a mesma coisa. É mas não é que tem alguém dizendo “Você não pode beber Jack Daniel's porque você é um Mané” lógico que existem manés que vão beber Jack Daniel's mas o público que vai é diferenciado, as pessoas que bebem esse tipo de bebida tem outra leitura da vida, elas tem uma visão diferente das coisas. Ela não é só uma simples bebida, ela é um conjunto de atitudes. A galera fala que é bebida de rock star. Quer pagar de roqueiro então você bebe Jack Daniel's. Mas não é bem isso não sabia. A pessoa que pede uma dose de Jack Daniel's é diferente.

P. Então você é diferente.

Eu acho que eu sou (risos seguido de silêncio). Eu acho que eu nasci diferente sabe? Sei lá, tem tanta coisa que eu vou pelo lado esquerdo ao invés de ir pelo lado direito

então... eu acho que não é nem motivo de orgulho ou de querer sair se amostrando para as pessoas que você é diferente, eu acho que acontece. Quando eu vi, eu já estava assim, eu já estava desse jeito gostando de coisas diferentes então aconteceu.

P. Você pode nos contar mais sobre a história da sua tatuagem das mãos, Iron Fist.

Essa história eu meio que já contei né mas quando eu fui no show do Motörhead no Abril pro Rock primeiro quando eu soube que ia ter show do Motörhead aqui perto de casa eu só falei enlouquecer eu já tinha faltado os outros shows porque eu não tive condições de ir e o Lemmy para mim é como se fosse aquela figura mitológica, os caras falam Lemmy's God, Lemmy Save. Eu tenho até uma blusa que a minha mãe detesta que é a cara do Lamim como se fosse Jesus Cristo com a coroa de espinhos e dizendo Lemmy Salva! Entendeu, ai ela "Ai, isso é um sacrilégio!" e digo não mãe, é só uma interpretação, uma releitura de um clássico. Então eu fiquei extremamente animado, juntou uma galera grande a gente foi de excursão e a viagem já começou ali, no ônibus né o show já começou ali no ônibus. Motörhead é uma banda muito antiga, os caras estão ai há muito tempo, todos eles são músicos conceituados.

P. E desde quando você escuta?

Nossa, eu escuto desde uns 12 ou 11 anos.

P. Você lembra como foi o primeiro contato com eles?

Primeiro contato? (silêncio) Eu lembro que eu comecei a escutar rock como Guns and rose, esses clássicos, porque eu ouvia meus primos escutando. Meu primo é DJ e gosta muito de música e ele conhece de tudo muito, tá sempre ouvindo tudo então eu fui me apaixonando por música e comecei a escutar ai, pouco tempo depois apareceu a internet né então eu comecei a pesquisar na internet então eu comecei a entrar naqueles sites de letra de música aí ah, escute num sei o que e tinha lá as referências e na época tinha uma loja de cd ai que saudade das lojas de cd, por favor, tragam mais lojas de cd para Natal, tinha uma no Natal Shopping e a gente frequentava muito o shopping, era a galera do shopping os roqueirinhos e tals e ficava sentados nas cadeiras e a gente ia para loja de cd que eu esqueci o nome agora e você podia ficar escutando, então eu pegava os cd's e eu ficava escutando aqueles CDs e o bacana daquela época, que a gente não tem mais hoje é que você tinha o contato com a musica física, tanto o LP com o CD. Então você lia o encarte, lia quem produziu o encarte, você lia quem era os integrantes da banda, o que que eles faziam, você lia as letras, você sacava aquilo e isso é uma coisa que a gente não faz mais e eu também

sou um pouco culpada por isso. Como eu tenho muito pouco espaço, eu acabei trocando muita coisa que eu tenho por música digital e também por gostar muito de musica tem coisas que não dá para comprar porque não encontra muito tipo ópera, coisas de coral, música clássica não é fácil de achar e quando acha é bem caro então eu baixo muito e fico ouvindo o Ipod. E começou com isso. Eu ficava lá escutando ai você vai conhecendo né. Vai Guns and Rose, ai Nirvana ai vai pegando Rolling Stones, Aerosmith e ai vai, coisas que sua mãe gosta que você escute “Ah! Isso é bacana!” e ai você vai preparando. Eu lembro que o primeiro CD de música bem pesada que eu comprei com Pantera, ainda lembro desse dia. Eu lembro que esse CD você colocava e ele começava com um gritão assim ahhhhhhhhhhh e minha mãe ficou louca nesse dia e eu disse “Mãe, se acostume que a partir de agora eu só vou trazer isso para casa” eu ficava só ouvindo lá no shopping né, com aquele fone de ouvido grandão abafado e comecei a trazer coisa para casa. Ai veio primeiro o Pantera depois veio o AC/DC, Motörhead, ai fui começando a fazer a escadinha das minhas bandas favoritas né primeiro AC/DC, depois Motörhead, depois Sleyer e depois Pantera, é o meu big four. Ai depois disso vem o Black Sabbath com Ozzi ou sem Ozzi também, o trabalho dele solo. Eu gosto muito também do... poxa eu gosto de tanto coisa se eu for falar de tudo acho melhor parar por ai mesmo (risos) E começou assim ai eu comprei meus primeiros CDs e, engraçado, as minha bandas favoritas hoje foram justamente os primeiros CDs que eu comprei de música mais pesada e ai só foi piorando...

P. Ou melhorando.

É, ai só foi melhorando, melhorando e isso foi bacana porque hoje em dia, a galera do heavy metal ela é um pouco fechada entendeu tipo assim, se você é band ou metaleiro, tem certas coisas que você tem que saber a formação da banda, tem saber as músicas, o cd entendeu? Eu acho isso uma frescura. Respeito quem é assim mas eu acho frescura porque eu tenho uma memória péssima e acabo conseguido decorar então eu digo que é frescura. O realmente importante é você gostar né, o importante é você estar ouvindo tá consumindo aquilo. É você comprar um cd, pôster, uma camiseta é você ir no show da banda então eu lembro que eu era muito focada no Heavy Metal era aquele visual, só aquelas bandas, aquela coisa e quando eu entrei na universidade eu cheguei num trabalho que eu precisei fazer e eu precisei escolher a trilha sonora e eu fiz “Cara! Eu só conheço tranqueira assim tututututu! O que que eu vou fazer?” Ai eu lembro que tive que começar a escutar outras coisas foi ai que eu conheci o Blues, tive contato com musica eletrônica, música mais conceitual e isso abriu muito minha

cabeça. Eu vi que não adianta, mesmo que você não goste você precisa escutar, você tem que conhecer e quando você é publicitário, você trabalha com comunicação você tem que saber do que o outro gosta, você tem que saber o que que o outro escuta, o que que o outro come, para que lugares aquelas pessoas vão para você poder atingir elas. Então eu tive que dar uma chacoalhada na minha cabeça.

P. Ter tatuagens te faz sentir parte de um grupo?

(Silencio)Faz. Me faz sentir parte de um grupo mas não é uma coisa iniciática, você não precisa ter para poder fazer parte desse grupo. Que é o que: eu me sinto do grupo dos **Tô nem aí!** Não tenho frescura para você, gosto de você com a pele do jeito que você é com sarda, com tatuagem, com mancha, com cicatriz entendeu? Com doença de pele, cicatriz de doença. Nós fazemos parte desse grupo de pessoas que não ligam para essa casca, pra essa pele que a gente tem. Então não é que eu faço parte do grupo de tatuados, os tatuados que eu conheço todos eles fazem parte desse grupo do Eu amo você como você é internamente. Se você tem um plus a mais, que legal! Que bacana essa tua cicatriz, sua marca. Então não é uma coisa iniciática você não precisa de uma tatuagem para poder entrar nesse mundo basta você não ter esse olhar que dói, esse olhar que fere. Então você tendo esse olhar você já faz parte do nosso grupo.

P. Defina sua tatuagem em uma palavra.

Nossa, eu tenho tantas palavras. Acho que a primeira é loucura porque você fazer uma tatuagem na mão é um lugar assim que é um dos últimos que você tatua mão, rosto pescoço. Mas sei lá, parece que ela esteve sempre aqui.

P. Mas com relação ao que ela significa mesmo.

Ela significa força. Ela simboliza muita força para mim porque ao mesmo tempo do significado punho de ferro, a banda também é uma banda muito forte, que já tá há muitos anos aí na estrada, já enfrentou muitas coisas o próprio vocalista também é muito forte em relação a opiniões, a personalidade. Então acho que essa tatuagem ela é isso, ela é força em vários aspectos.

P. Você consegue se imaginar daqui há cinco anos?

Eu gostaria muito que fosse com as pernas fechadas (risos) Eu já to terminando de fechar os braços, aqui dentro já tá quase tudo fechado ai agora terça eu vou fazer esse pedacinho, eu quero fechar meus braços antes dos 30 anos então eu espero que daqui há cinco anos eu também esteja com as pernas fechadas. (risos) Quero ficar mais colorida, mas estampadinha.

P. Você tem religião?

Eu sou bem espiritualista na verdade. Eu faço parte da ordem Rosa Cruz e abraço muitas religiões espírita mas eu estudo o budismo, o hinduísmo estudo muito simbologia, estudo muito cabala eu estudo a natureza, tudo aquilo que é relacionado a natureza e o espírito justamente por causa dessas mudanças que eu tive na minha vida eu to tentando sair do material e ir mais para o espiritual então eu não acho uma religião complete tudo isso, eu acho que todas elas se completam, todas elas deveriam se respeitar então esse discurso de ódio eu não... eu prefiro pegar o que há de melhor em cada povo, em cada cultura em cada em religião então é por isso que eu digo que sou espiritualista mas eu sou meio espírita e sou Rosa Cruz.

P. Se você pudesse mudar algo na sua vida, o que seria?

(Risos) Se eu pudesse mudar na minha vida? Eu acho que eu escolheria mudar a cabeça das pessoa que olham para os outros com preconceito. Eu gostaria de tirar esse olhar que dói, que machuca de ódio sob as pessoas que tem tatuagens, as pessoas que tem cicatrizes, quem têm alguma deficiência eu queria mudar isso no mundo porque eu acho que mudando isso no mundo, ele vem pro microcosmo, ele vem pra mim. Seria mudar pra mim, pra minha vida porque eu estou inserida demais nesse mundo então assim, é chato. Não vou dizer que não machuca, não dói esse preconceito. O preconceito não me faz parar de fazer tatuagem, não vai me parar porque eu sei que é só uma parcela da população mas eu também sei que essa parcela da população que tem preconceito existe uma parcela da população que é bacana que está inserida nesse grupo que eu falei entendeu? Então eu mudaria isso no mundo todo para poder chegar até mim. Eu não digo mudar só na minha vida, eu digo mudar em tudo minha vida é só mais uma.

P. Uma palavra que represente o futuro.

Eu gostaria muito de ser professora, esse lance acadêmico. Acho que a palavra é estudo, conhecimento na verdade, pronto. Conhecimento porque só o estudo não lhe dá tudo. Voce sentar do lado e uma pessoa na universidade já traz conhecimento, você está absolvendo o mundo dela. Você sentar do lado do professor já está tendo conhecimento, assisti uma aula já é conhecimento. Não é só estudo então eu quero que minha palavra do futuro seja conhecimento. Eu quero ter isso sempre mais, sempre mais e quero também doar o pouco do conhecimento que eu tenho para outras pessoas, por isso que eu quero ser professora. Quero fazer mestrado, doutorado e dar aula. Eu já dou umas aulas, a galera curte, pede para tirar foto. Alias foto é uma coisa que o pessoal tira muito de mim. É incrível.

P. Ah, uma coisa que você falou antes que eu quase esqueci. Você disse que queria fazer uma tatuagem depois que foi no show do Black Sabbath.

Isso, isso. Eu lembro que o momento mais emocionante quando cheguei no show do Black S. foi quando começou que tava ainda as cortinas fechadas e o Ozzi chegou e deu uma risada e todo mundo “Será que é ele?” Ai ele fez” Vocês estão me ouvindo?” A todo mundo “Nossaaaa!” E os holofotes ligaram e o símbolo da banda Black S. né que um círculo tipo com um demônio alado bem bonito meio torto, meio dança moderna (risos) ai os holofotes assim e o retrato que eu tenho imagético, que é imagem e som, da risada do ozzi, primeira vez que eu escutava o Ozzi ao vivo, com aquelas imagens, foi uma coisa muito impactante para mim e eu quero fazer o símbolo do Black S. por causa disso, então.

P. Vai ser aonde?

Não sei cara... vai ter que arrumar um espaço bacana ai porque essa... acho que vai ser aqui.

P. Você pretende fazer quando? Já tem data?

Num sei, não tem data porque eu vou fazer a outra aqui né e meu tatuador é muito ocupado. É o Marcelo Melo, é o criador e a criatura. Marcelo, te amo! Sem ele, eu não sou Larissa, eu sou a mulher com casca. O meu tatuador é meu Michelangelo, ele vai aparando minhas arestas. Ele além de tudo é muito meu amigo, a gente criou uma relação de amizade muito boa, então ele é o cara, ele é o cara. Ele, a esposa dele, os filhos dele, as pessoas que trabalham no estúdio, é uma família muito unida todo mundo se completa muito então eu sinto que essa passagem espiritual esse ritual de tirar as arestas que eu vou fazer lá, é um ambiente perfeito. Lógico que existem outros tatuadores que eu também tenho essa ligação mas ele foi o primeiro e durante muito tempo foi só ele eu to começando a fazer outras tatuagens com outros tatuadores agora mas ele é meu artista sabe, eu sou a obra de arte dele. Eu sou a estatua que ele está tirando as arestas.

P. É isso Larissa, você gostaria de dizer algo mais?

Façam tatuagens! (risos) Vamos criar um mundo mais colorido!!!

Entrevista 3

Memória da pele e histórias do consumo: marcas e produtos tatuados no corpo

Entrevistado: Clara Tavares

Tatuagem: o personagem Alex do filme Laranja Mecânica de Kubrick

Data da entrevista: 08 de agosto de 2014

P. Nome e idade

Meu nome é Clara, Clara Tavares, tenho 27 anos

Terminei de pagar todas as disciplinas do curso de Rádio e TV, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e, mas falta entregar a monografia ainda.

P. Você nasceu aonde, Clara?

Nasci aqui.

P. E quantos irmãos, irmãs você tem?

Tem uma irmã, cinco anos mais velha que eu, Fernanda .

Você nasceu e sempre morou aqui?

Sempre morei aqui.

P. Sempre morou no mesmo lugar?

Não, morei até os nove anos, eu acho... ou não, até os oito anos em Lagoa Nova. Daí, passei dez anos da minha vida na Vila de Ponta Negra, assim que foi logo, pegou a fase, né... de pré adolescente - criança, pré adolescente, adolescente. E agora eu morei em Capim Macio.

P. Você trabalha?

Não, atualmente não. Atualmente eu tô na inércia, esperando um dia de uma viagem chegar. Mas eu já trabalhei na minha área, com alguns VTs comerciais, e produção de vídeo independente mesmo.

P. Você sabe dizer exatamente assim a hora do insight da sua tatuagem?

É... eu tinha assistido esse filme mais ou menos com uns quinze, dezesseis anos.

P. Que filme?

‘Laranja Mecânica’... e daí achei aquela cena muito forte, né? Que além de ser uma lavagem cerebral, né... mas algumas coisas eu só interpretei depois, né, vendo de novo, vendo de novo. Pois cada vez que você assiste você interpreta de uma forma, depende do que você vai vivendo. E eu assisti, eu lembro que tinha achado muito forte a imagem, né? ...e usava como quadro assim no meu quarto e tal, imprimi... Até que um dia eu descobri uma pessoa que tinha tatuado um ‘Salvador Dali’ na perna,

né, um realismo assim perfeito. Daí eu perguntei, nossa, pode-se tatuar uma foto, né? Aí eu falei: e aí, como é, quem tatuou você? Salomão Dantas. Aí, massa, eu fui atrás, quando eu tinha uns dezoito anos, dezessete... Aí sempre vinha aquela negociação, né, só que era muito caro tatuar, fazer um trabalho como esse era muito caro, mas eu deixava pra depois, pra depois, pra depois, né. Até que um dia houve a proposta de fazer esse trabalho e levar pra uma convenção de tatuagem, que aí foi quando barateou e eu pude fazer a tatuagem.

Mas assim, despertou pra mim, porque depois de eu ver o filme, eu vi o filme antes do livro. Então você primeiro vê as imagens, né e depois você lê o livro e quando você lê, você imagina ainda mais, né. Você associa algumas coisas às imagens que você já visto no filme, mas você desenvolve outras, né. Aí eu fiquei fissurada nisso e comecei a entender que não era só uma lavagem cerebral, ela passava meio que o Alex enxergando ele mesmo. No momento em que ele é obrigado a ver cenas do que ele fazia.

Isso é muito doido, né, você... As pessoas se desesperam quando olham o que fazem, né. É mais ou menos essa linha assim. Minha interpretação...

P. E você resolveu perpetuar essa coisa do espelho, no caso se enxergar. Você poderia falar um pouco mais disso?

É porque, não só a tatuagem, não é que eu olho pra tatuagem e fico lembrando disso e ohhh! ...eu vou ficar, vou criar um carma pra mim, tenho que sempre ficar olhando minhas ações. Não! Tenho deixar as coisas fluírem, né. Mas assim, é porque realmente, essa ação de você olhar sempre pra você e pras suas ações, né, é importante, entendeu? Essa reavaliação do que você faz. Então tipo essa cena meio que marca isso pra mim e eu quis perpetuar, né, até porque a cena mesmo é forte, a fotografia é forte e como eu sou uma pessoa muito visual, tipo aquela imagem ficou marcada. Eu falei – velho! ...eu vou marcar isso no meu corpo então! Além do fato de gostar da tatuagem.

P. E esse fato de gostar de tatuagem, você pode contar um pouquinho assim, quando você olha alguém tatuado, você se interessa por aquilo? Contar um pouco o que te motivou a tatuar, fazer uma tatuagem.

É, tipo... sempre quando, começa pelo estilo de música também, né. Quando eu tinha uns onze anos comecei tipo a escolher, escutar um certo estilo de música e as pessoas que escutam aquilo, que tocam aquilo, geralmente são tatuadas. Aí, você vai começando a se familiarizar com isso, né. Daí, você também não sou, não é um

alienígena quem tem tatuagem, entendeu? É normal. Então você vai a cada dia mais vendo mais pessoas tatuadas e você acha aquilo normal, né. Então tipo meio que, eu acho que é uma roupa que você cria pra sempre, né. Eu fico às vezes viajando se todo mundo fosse todo tatuado, né, cada um ia ter identificação de vida assim no seu corpo, né. Suas crenças, né, e tudo. Então seria tipo uma roupa que você vai escolhendo vestir pra sempre. Essa a linha assim que eu tenho de tatuagem, assim. Fico imaginando como seria se todos fossem tatuados assim. Meu interesse surgiu mesmo daí.

Bom, você falou do filme, mas não falou assim, não citou o filme, daí você poderia falar uma frase de novo do filme, lembrar um pouco do filme e falar o filme tal, o livro tal. O que o livro tem diferença pra depois você ter realmente decidido tatuar? Será que você poderia falar disso.

Eu acho o filme, 'Laranja Mecânica', porque na verdade o Alex, que é o personagem, o Alex já tira do nome, né, Alex é sem lei. Ele é um personagem, que, tipo... ele tem uma boa condição financeira, né. Ele escuta Beethoven e a noite, ele depois de tomar um leite, chamado *moloko*, num bar chamado *moloko* com um leite com uns alucinógenos, ele sai na rua com sua gangue pra fazer o chamado *horrorshow*, que seria agredir pessoas, roubar, estuprar e tudo mais. Sem nenhuma necessidade, violência gratuita, né. A gente estava até comentando coisas sobre isso. Violência gratuita mesmo. Ele não ganha nada com isso, só o prazer de fazer isso. E é muito louco, que ele começa a fazer isso até mesmo com a própria gangue dele, né. Porque quando você dá o poder demais pra alguém, ele se torna tirano e o Alex se torna tirano até mesmo com o grupo dele, né, com os *droogs*, que eles chama, né. E eu achava esse filme muito louco, meio que ele representa, tem uma cena do filme que ele está espancando um mendigo na rua e o mendigo olha assim pra ele e fala assim: o mesmo mundo que leva um homem a lua é o mundo que faz um cara vir bater aqui num mendigo que está bêbado no chão, entendeu? No mesmo mundo que a gente consegue uma evolução tecnológica de ir a lua, a gente não consegue uma evolução mental de no mínimo um respeito, tá ligado? Então tipo é nessa linha. E foi um filme que marcou muito assim pra mim, até como uns insights de você vê aquilo e depois você repensa, vê, repensa. Porque eu acho que tem muito disso, as pessoas tão muito acostumadas a ler uma poesia, escutar uma música, ver um filme e, tipo... ter aquela distância, né, tipo como se o autor, diretor não quisesse passar uma mensagem pra frente. Ele só quis fazer uma coisa bonita pra você lê, um entretenimento rápido. Eu

acho que o negócio, o buraco é mais embaixo, né. Acho que você tem que ler, ver, assistir e catar um pouco pra você. Tirar um pouco daí e interpretar algumas coisas e aderir ao que vale a pena.

Pela época do filme, que é uma época bem distante de você, você é bem jovem por conta do filme, o filme é da minha época, o livro também. Então assim, você ter se identificado com isso na sua época. Como Nietzsche, Nietzsche escreveu todas as coisas dele pro mundo pós-moderno, não pro mundo dele. Mas ele já refletia essa questão do poder, do outro, né. E o que você está me colocando que o mais te pegou é essa questão da alteridade, que a gente chama, o cuidado com o outro, a responsabilidade com o outro. Porque hoje em dia, nós vivemos num mundo que a gente é responsável pela gente mesmo, mas o outro que pouco se importa, não é? Daí você fala um pouco desse filme e diz o que te tocou. Que é muito bacana ouvir isso de você.

As coisas que mais me marcou no filme 'Laranja Mecânica' foi, no livro em si, o filme na verdade é a parte visual da coisa e o que mais me marcou é essa dualidade, né. A gente cresce muito no setor tecnológico, a gente, até vou citar a cena do Alex espancando um mendigo bêbado na rua, e o mendigo cita: a mesma sociedade que leva o homem à lua, é uma sociedade que não consegue evoluir na horizontal, né? No respeito assim, tipo... você vai evoluindo tecnologicamente, mas a gente... pára de evoluir, né, como seres que têm uma missão aqui, né, tipo de relacionamento, né... então essa, no filme 'Laranja Mecânica' esse foi um dos pontos que mais me marcou. E a cena que eu tatuei, é uma cena que o Alex quando vai preso, ele é obrigado a ver todas as cenas de violência gratuita, que ele tinha feito e que outras pessoas tinham feito. Ele é preso numa cadeira e ele não pode sequer piscar os olhos, né. Então ele realmente tem que ver aquilo e olho dele fica sendo umedecido com, a cada... periodicamente por uma outra pessoa com um colírio. Então ele não pode nem piscar os olhos, entendeu? Ele é obrigado a ver cenas que ele mesmo fazia e isso me marcou porque não é só o fato da agressão física que ele tá ali, é o fato da agressão psicológica. Ele tá tendo que ver o que ele fazia e isso é o mais louco, é o que mais incomoda ele, o que mais deixa perturbado naquela cadeira. Ou seja, é outro ponto do filme que me marcou também, é exatamente isso, como é agressivo pra gente, olhar o que a gente mesmo faz, né. Como incomoda, né. A gente se incomoda demais em olhar o que a gente faz. No caso do Alex, ele foi obrigado, né? A gente deveria ser obrigado, por nós mesmo, todos os dias a parar um pouquinho e pensar assim o que

você fez, né. Eu acho que as oportunidades das nossas ações ta na hora que a gente pára e pensa nelas. A gente faz um fechamento, né.

P. Se você quisesse falar a respeito dessa sua escolha, porque sempre as escolhas são fortes, né. Essa questão da tatuagem, e a sua é muito forte, né. Se você quisesse falar pra alguém alguma coisa, pra um jovem, mais jovem que você, que acabou de entrar na universidade, o quê que você falaria pra ele?

Nossa, eu falaria... sabe o que eu acho assim tipo, o que eu sinto tipo das pessoas assim, principalmente as mais jovens, o sentimento que me passa delas é de angústia, assim, sabe, de perdido assim, oh que perdido. Acho que todo mundo ta perdido, assim, ta todo mundo entrando numas regras que colocaram pra vocês e colocaram assim de uma forma geral, né. Então tipo você não, as regras não foram feitas individualmente. Foi feita por um bloco de gente, só que cada um pensa diferente, né. Então se eu pudesse falar alguma coisa era tipo tenha calma com as regras, entendeu? Tipo, e tudo que você for tentar mudar, pensar, fazer... está aqui dentro, entendeu? Você tem que procurar tudo dentro de você. Sabe, tipo... seus momentos de felicidade, de, de... principalmente de felicidade, que às vezes a galera coloca uma meta, tipo se eu passar no vestibular, eu vou ser feliz, se eu concluir a faculdade, eu vou ser feliz. Ta sempre fora, né, sempre fora assim, nunca a felicidade ta dentro de você. Você alcança e cria outra meta. Agora minha meta é se eu comprar um carro, eu vou ser feliz, se não sei o que, eu vou ser feliz. Ta sempre criando metas pra ser feliz e você nunca alcança isso, né. Acho que você nasceu pra viver nesse carma aí, procurando. Acho que na verdade, você está só pirando, né. É exatamente isso, essa angústia vem disso, dessa criação de uma felicidade, assim, que nunca chega. Então se eu pudesse dizer alguma coisa é, respira. Respira!

P. Qual o fato na sociedade atual assim que marcou você. Nesse tempo de faculdade, nesse tempo dessa escolha, o que marcou você?

Tipo... eu vou te dizer uma coisa assim que marcou e que eu aderi, tipo... não tenha preconceito, não seja hipócrita com as mudanças, entendeu? Tipo... aprenda a conviver com as mudanças. É a única coisa que eu tenho certeza assim, isso me marcou. Porque você conhece uma pessoa aqui, daqui uma semana ela ta diferente, na outra ta diferente, na outra ta diferente e tem algumas pessoas que ficam presas, né? Tipo, todo mundo tem que ser linear. Você não pode mudar de opinião, você não pode nada, porque senão, você está mudando de opinião, você está sendo influenciada por ela, não, pô, apenas abri um campo de pensamento, né. E isso me marcou na

faculdade, em tudo, nos grupos mudando, nas pessoas mudando de ideias. Numa hora você queria uma coisa e fazia outra, essa contradição de coisas, e, é saudável assim, essa mudança constante.

P. Que movimento de jovens aqui, ou mesmo no nordeste, no Brasil tem uma importância pra você hoje? Música, que que você acha assim, isso é uma coisa boa, né? Tipo, a gente teve o Chico Science, que fez uma revolução através do Mangue Beat. Qual movimento hoje que você acha que tem uma importância grande?

Tem um assim, que são os ‘festivais de cultura alternativa’, que são pouco conhecidos e por exemplo, é... tanto que tem um amigo meu que faz até uma brincadeira, ele fala: a revolução não será televisionada; porque são os festivais que não passam na TV, você descobre por internet, você vai. São festivais de dias, o pessoal se reúne pra acampar junto, `as vezes é gente do mundo inteiro e tem música vinte e quatro horas por dia, é um evento, que a idéia desses eventos geralmente é você se desprender do relógio, né? Todo mundo que entra nesse evento, tira o relógio, todo mundo come junto numas cozinhas comunitárias e tal e fica tendo música vinte e quatro horas por dia. Quando um tá com sono, outro vai lá e fica tocando e essa é a linha, né, porque tipo você pode curtir o dia de três horas da manhã, sua vida, três horas da manhã, não tem que curtir das oito da manhã até as dez da noite, entendeu? Tipo, é um ciclo, né. Então, você... pra mim, um dos movimentos que está tendo que eu mais estou apreciando no momento são os festivais de cultura alternativa. Que aqui no Brasil tem um, que é o ‘Universo Paralelo’, que tem na Bahia, Portugal tem o ‘Boom Festival’. Que o pessoal tem um pouco de preconceito que tem muita música eletrônica nele, mas a filosofia do festival é muito linda assim.

P. Você pode se imaginar assim daqui a cinco anos? Como é que a Clara vai estar? Se você tivesse que pensar nisso, como você se imagina, assim?

Engraçado que ontem eu tava pensando nisso, eu não consigo me imaginar daqui a uma semana. Tipo eu to com uma viagem pra Irlanda sexta-feira. Eu não consigo nem me imaginar assim. Não consigo e acho que é isso, eu to muito satisfeita por não conseguir me imaginar daqui a uma semana porque eu to dando, dançando o agora, curtindo o agora assim. Tendo a certeza que eu deveria estar aqui, aonde eu estou agora e é isso assim. Porque quando você fica pensando no futuro assim, você acaba, né... mas será que pra alcançar esse futuro, eu deveria estar aqui, sentada nessa

cadeira, dando essa entrevista agora? Você fica em dúvida, né, então essa dúvida não quero, se fica projetando um negócio assim, não consigo.

P. E com que idade você tatuou?

Tatuei com 21 anos, foram quatro sessões, foram dois meses tatuando. E eu acho assim que esse negócio da tatuagem, tem muita gente que fala não vou fazer tatuagem porque tem uma hora que eu vou me arrepender. Tipo... acho que na verdade, você a partir do momento que você faz a tatuagem, você... eu sou a Clara que tem o Alex tatuado na perna, entendeu? Tipo, já é, já agreguei a mim, entendeu? Não é uma coisa assim, ai, minha tatuagem, minha tatuagem, não, pô. É uma parte de mim assim, é uma parte desenhada que eu tenho na pele, como um sinal, uma coisa assim. Aderi já. Então você não tem como você se arrepender, já faz parte de você.

É, mas acho que tem um pouco da sua filosofia, da filosofia que você criou pra você,

P. Pode falar só mais um pouquinho disso.

O Alex, falando bem do nome dele, um ser sem lei, ele no caso, é sem lei, mas sem respeito, sem noção de nada na verdade, né, de respeito e de amor, né. E o... essa parte do nome, Alex, do ser sem lei, na verdade seria não regras, a parte que eu mais aderi assim. As regras que são universais, que vem alguém que decide: “Ah! hoje eu acordei, tomei o café da manhã e resolvi criar tal regra pra quinhentas mil outras pessoas seguirem”. Tipo, ele não sabe como eu acordei hoje e vou ter que seguir essa regra aí, aderir e tudo mais, né. Então é você, tipo... né, essa parte assim do personagem que eu achei bem legal assim. Ele ta recriando as coisas dele, apesar de ser uma parte bem deturpada, né, bem não legal, uma forma com que ele faz, né, que é sair por aí, fazendo *horrorshow* e o que dá vontade, né, agressão física, mas o curso dele de ser sem lei e de não aderir ao... `as regras assim. Isso me chamou atenção assim, isso eu acho que é válido assim, você repensar no que te impõem assim.

P. Você fez essa tatuagem evidentemente por uma inquietação pessoal. Agora essa tatuagem tornou-se torturante pros olhos de outro alguém? Outro alguém sociedade, outro alguém família, outro alguém da igreja, outro alguém que ficou com o clólirozinho, olhando pra sua perna, sofrendo com isso daí?

Assim, o que eu acho mais engraçado é que por exemplo, pra quem não gosta de tatuagem você poderia tatuar uma borboleta desse tamanho como tatuar um Alex desse tamanho na perna que tipo não vai gostar, né. Então tipo minha mãe olha assim bahhhh, tipo o que é isso né e ainda faz assim, essa cena aí com esse cara, ela não tenta nem procurar o porquê, a filosofia da tatuagem, a idéia da tatuagem, né. Então

ser tatuagem, já incomoda. É a tatuagem que incomoda, poderia ser tipo uma borboletinha encima de uma flor, como pode ser, né, Jesus Cristo, ta entendendo? Pode ser qualquer coisa que vai incomodar.

P. É a única?

Não, eu tenho uma na barriga também, mas tipo a da barriga foi pré- adolescência assim... “Vamos fazer uma tatuagem!” A tatuagem não foi pensada mesmo, foi só o visual, né. Depois veio o Alex assim, que foi mais pensada filosoficamente.

Entrevista 3

Memória da pele e histórias do consumo: marcas e produtos tatuados no corpo

Entrevistado: Alexandre Xavier Ferreira

Tatuagem: Amy Winehouse

Data da entrevista: 10 de setembro de 2014

P. Tem alguma lembrança boa assim quando você pensa na sua infância?

Na minha infância... (silêncio) Hum... eu acho que na época que eu ia com a minha tia pra casa da minha vó no interior do RN, acho que isso Florânia. .

P.E você nasceu aonde?

Em Santana dos Matos/RN

P. Quantas vezes se mudou desde que você saiu de lá?

De lá pra cá e pronto.Sempre morei aqui, vim com 2 anos para capital. Nunca mais voltei a Florânia. Só no funeral da minha vó paterna.

P. Você estuda?

Sou estudante de gastronomia.

P. E seus trabalhos?

Auxiliar de escritório, estágio de auxiliar de escritório na Secretária de Agricultura. Eu trabalhei em panificadora como atendente e trabalhei como atendente também nos correios na franquia dos correios, e... fui missionário de uma igreja e hoje eu trabalho como garçom num restaurante.

P. E a gastronomia começou quando?

Sempre gostei muito de cozinha, de ficar em casa inventado coisas desde pequeno. Minha mãe saía e juntava eu e minha vizinha e ela vinha fazer traquinagem aqui em

casa então a gente inventava coxinha... inventava um monte de coisa e... ai eu comecei a gostar.

P. Qual sua religião?

(Silêncio) Cristão, cristão.

P. Por que esse suspiro?

Não, porque eu já fui membro de uma igreja só que isso não me fez muito bem...J

P. Quais seus lugares preferidos em Natal ou fora daqui?

Acho que todo lugar que me traga alguma recordação boa.

P. Qual foi o momento que começou a pensar em tatuar o corpo?

Eu tinha vontade desde mais novo, só que minha mãe e meu pai eram totalmente contra e eu era menor de idade e não podia fazer. Aí, depois que eu me desassociei dessa igreja e passei por alguns problemas mesmo de depressão, ai conheci o trabalho da Amy e... ai me veio a vontade de fazer.

P. Faz quanto tempo que você conhece a Amy?

A Amy desde do início de 2006. Tenho três tatuagens da Amy.

P. Como foi o momento da escolha de tal tatuagem que você fez e por que decidiu perpetuá-la?

Eu achava a imagem forte porque parece um carimbo, eu acho legal, um carimbo na pele. Então eu gostei desse desenho da Amy e foi doídera mesmo. Meu amigo disse: “E ai, amanhã eu estou indo no tatuador, vai querer ir lá comigo?” Aí pronto. Só fui...Teve que ser de puff... do momento, do instante...Não pensei muito. Mas existe muito carinho pelas minhas tatuagens desde então.

P. Você pode dizer como é esse carinho?

Eu acho que representa um início, um recomeço.

P. Esse carinho pela Amy foi algo que incentivou você a fazer todas as tattoos?

Se não tivesse carinho, esse amor eu acho que eu não faria... Mas faço parte do fã clube da Amy. O grupo de fãs de Amy (risos) Têm várias pessoas que eu conheço que têm tatuagens dela... muita gente surgiu depois que eu fiz... então eu nunca tinha visto antes de fazer... eu nunca tinha visto ninguém, principalmente aqui no Brasil né que ninguém conhecia, praticamente, o trabalho dela.

P. Como e quando foi que você a conheceu, já que você tem três tatuagens dela, com o rosto dela. Como foi conhecer a música da Amy.

Foi no início de 2006 que conheci o trabalho de Amy através do Myspace de um amigo americano. Eu era dessa igreja e tive contato de pessoas de fora e esse meu

amigo ele gosta muito de música e tudo que ele conhece de novo ele coloca no Myspace dele. E eu conheci a Amy e fiquei impressionado com a voz porque ela era uma juvenzinha. Naquela época ela era bem mais nova estava com a aparência muito boa e eu fiquei impressionado com a potência da voz dela. Aí procurei me informar mais sobre o trabalho dela, procurei alguma coisa no Brasil e não tinha nada na época início de 2006 e comecei a baixar música e tava vendo algumas traduções dela e as letras dela são... impacto mesmo... tipo... The Frank (álbum de Amy Winehouse) era bem... bem.. forte as letras. Se você colocar The Frank, Back to black é mais fundo do poço coisa do tipo. Frank dá umas catucadas em algumas pessoas que... então eu achei ela muito verdadeira nesse sentido, dela colocar para fora os relacionamentos dela, tipo da coisa do relacionamento com o pai dela, o pai dela... ela era bem verdadeira nesse sentido. Isso me chamou a atenção.

P. Você fundou o fã Clube. Como tudo começou?

O fã-club veio mais tarde, veio em 2008. Em 2007 eu já tinha tentado fundar, só que as pessoas, muita gente me dizia ah, isso é besteira, não precisa, é... o pessoal tá muito em comunidade na internet não vai querer saber disso. Aí, quando foi em outubro de 2008 eu tinha muita amizade, tenho muita amizade com ele ainda, Iago de São Paulo, a gente conversando decidiu criar o fã-club e a gente lançou primeiro uma comunidade no Orkut e só tinha 15 pessoas e foi crescendo e foi crescendo, surgiu o facebook, a gente entrou no facebook construiu uma página e hoje a gente tem páginas do facebook da Grécia, da Espanha, do Chile, do México, da Argentina e... Polônia, Filipinas e... então o fã-club flogou (?) em todos esses países...

P. E como é que vocês conseguiram disseminar dessa forma?

Pela internet. As pessoas fazem busca na internet e o que eles vão achar é o nosso fã-club, não vai achar nenhum outro fã clube vai achar só o nosso, ou em qualquer outro lugar só vai achar o nosso fã clube.

P. Mas é o único no mundo inteiro, não?

que agente tem conhecimento sim. Deve ter algum grupo de fãs mas não fazem publicações na internet ou coisa do tipo. Eu acredito que tenha sim, sem dúvida.

P. Tem alguma música que tocou mais em você da Amy?

Sim Back to Black, porque pra mim é a música que mais me toca. É um... é... é o funeral do coração dela né. Ela tá enterrado o coração dela que uma pessoa despedaçou que torturou. Então ela... acho que não tem música mais tocante que essa.

P. Qual o fato ocorrido que mais te marcou?

a morte de Amy.

P. Qual grupo de jovem têm importância hoje?

Pra mim, com certeza é o grupo do fã clube da AMY que eu cuido. Eu acho que é muito importante. Tem pessoas que me escrevem falando sobre os sentimentos dela, então eu sempre tento responder todas elas com muito carinho. E... tem muitos que me escrevem contando problemas e eu acho interessante isso. Todos me tratam como se eu fosse da família deles, então eu acho isso muito interessante.

P. O que é ser jovem para você?

Viver, viver intensamente a pesar de que muitas pessoas mais velhas vivem mais intensamente que muitos jovens. Acho que jovem é muitas vezes ser meio doidão sem pensar no futuro. Quem já pensa mais no futuro dizem aah! Você tá com cabeça de velho.

P. O que você sentiu quando soube da notícia da morte da Amy?

muita tristeza, sem dúvida. Eu fiquei doente por causa disso, fiquei.

Ela era jovem demais e fazia as coisas sem pensar, sim. Mas em outros sentidos ela tava se tornando uma velhinha né. Em fragilidade, então...

P. Consegue se imaginar daqui a dez anos?

Daqui há dez anos?! Hum... imaginar daqui há dez anos? Eu tenho planos, mas daqui há dez eu não saberia bem o que estaria fazendo. Vou me formar agora no fim do ano, pretendo fazer algumas especializações, daqui há dez anos quem sabe eu num to com uma empresa de consultoria e... é isso.

P. Caso tivesse o poder de mudar algo em sua vida imediatamente, o que mudaria?

Traria a minha menina de volta! Minha Amy.

P. Tem algo que você gostaria de falar sobre suas tatuagens, conte uma história de cada uma delas.

a primeira das costas foi em março de 2008, não vou saber o dia certo e foi como eu tinha dito né. Um amigo disse que ia tatuar e eu disse ah, tá certo, eu vou também, foi bem isso. Aí, no mesmo ano em 2008, em dezembro meus amigos do trabalho fizeram uma surpresa de aniversário. Eles sabiam que eu queria fazer um desenho, eles já tinham esse desenho em mãos, levaram pro tatuador, o tatuador já tinha preparado lá tudo e quando eu cheguei lá pensava que um deles ia fazer tatuagem ai ele não, você quem vai já tudo pronto. Ai fiz. Ganhei de aniversário. E a última foi durante o show

dela no Brasil, pro show dela então foi bem uma comemoração porque eu ia ver ela de pertinho pela primeira vez e única né

P. Você se arrepende de ter tatuado?

Não me arrependo, não arrependo. Tem uma falhinha que eu vi, ainda vou consertar aqui. E... porque tinha o desenho e o rascunho do desenho então, eu peguei esse desenho na internet e não tava muito bom um detalhe do desenho então depois de tanta emoção de fazer a tatuagem é que eu vim perceber isso mas dá pra modificar e é meu próximo passo, vou fazer essa modificaçãozinha mas não me arrependo não, não me arrependo e terá mais uma ainda.

P. Você vai fazer mais AMY?

Mais uma e quem sabe ainda mais...Já tenho o desenho.

Entrevista 5

Memória da pele e histórias do consumo: marcas e produtos tatuados no corpo

Entrevistado: Zilmar Lima Nascimento Junior (Divina Shakira)

Tatuagem: Carmem Miranda e Mulher Maravilha

Data da entrevista: 16 de setembro de 2014

P. Nome

Meu nome de batismo é Zilmar Lima Nascimento Junior, ou seja, eu tenho o nome do meu pai. Tenho quarenta e dois anos, trabalhei durante vinte e três anos numa casa de espetáculos pra turista em Natal, chamada Zaz-Traz, que infelizmente acabou, como tudo que é feito por gringo nessa cidade acaba, não entendo porque, mas é uma realidade. Não sou daqui, mas moro aqui a vinte e cinco anos, aqui em Natal e trabalho na noite, como... hoje em dia a gente usa esse termo Drag Queen, porque ficou uma coisa mais popular, mas na verdade o termo usado é o transformista, porque você tá se transformando em algo que você não é. E faço esse trabalho de transformista a vinte anos. Tenho vinte anos de noite como transformista.

P. Você tem irmãos, eles moram aqui? Você falou que não nasceu aqui, você nasceu aonde?

Eu sou carioca, eu nasci no Rio de Janeiro, mas morei até os oito anos lá, depois fui pra São Luís do Maranhão e com quinze anos eu vim pra cá. Desde então, vim e virei, eu digo a todo mundo que eu sou potiguar, sou daqui, não adianta até porque eu

tenho... acho que quem nega suas origens não são dignos dela e eu adoro o sotaque, adoro tudo aqui, não sairia daqui pra morar em lugar nenhum.

P. E você já estudou?

Eu fiz vestibular em oitenta e seis, foi quando eu terminei o ensino, que antigamente era chamado secundário, que hoje eu não sei nem mais como, o que que usa mais. Mas eu entrei em oitenta e seis aqui, eu fiquei na suplência, para a primeira turma de fisioterapia daqui, só que eu deixei a minha faculdade jubilar, eu nem sei nem mais se usa essa palavra aqui, também na faculdade, mas é porque, como eu não pagava nenhuma disciplina, eu comecei a trabalhar em seguida e eu fiz a opção pelo trabalho ao invés de fazer faculdade, não me arrependo, não sei se eu fosse um médico, se eu seria um médico tão feliz o quanto eu sou sendo artista. Tô querendo entrar de novo agora, vou tentar um vestibular o ano que vem, voltei a estudar depois de vinte e três anos sem estudar, mas por outros motivos também que... que necessariamente não era pela volta ao estudo, nem o abandono da parte artística, até porque nos últimos cinco anos eu tive as melhores experiências com arte, assim eu fiz dois espetáculos que na cidade tiveram uma crítica muito boa, que foi o “Cabaré Ribeira”, e foi o “Estúdio Ribeira”, espetáculo muito grande, que foi com audição com muitos artistas, fui convidado, então isso foi muito prazeroso.... na arte a gente não tem idade. É como eu digo, o Junior tem quarenta e dois anos, mas Shakira, eu me considero como, sou menina ainda, não sou nem de maior idade, ainda não tenho.

P. E desde que você mudou pra Natal, você mora no mesmo lugar ou mudou bastante vezes de casa?

Minha família mora aqui, eu tenho uma irmã, que é médica, tenho um irmão que é um autônomo e tenho uma irmã que tá terminando nutrição. Minha família mora toda no mesmo bairro, Cidade Satélite, mas eu moro na praia, eu sempre morei, ... vai fazer vinte e um anos que eu moro só, quer dizer, só não, durante dezessete anos eu tive um relacionamento com uma pessoa, eu conheci uma pessoa e a gente se conheceu numa semana, na outra semana eu sai de casa e a gente morou juntos dezessete anos, quer dizer, a gente passou com um relacionamento dezessete anos e continuamos morando juntos até hoje, fazem vinte e um anos que a gente mora juntos, mas só, que nesses últimos anos só como amigo. Mas assim, é a pessoa que ajudou, na verdade assim, é o que eu digo esse meu personagem não foi construído, não foi comprado, nem foi construído por uma pessoa só. Ele não é uma dupla sertaneja, mas foi feito por dois,

sabe assim, não é... eu não fiz tudo isso só, sabe assim a formação do personagem, a gente passaria horas aqui se eu tivesse que contar a você por tudo que um personagem passa, mas o foco da entrevista não é esse. ... Hoje em dia ser transformista ou ser Drag Queen, que os meninos mais novos não gostam que use essa palavra transformista, mas ser Drag Queen pra ficar mais, mais acessível ao jovem, é fácil hoje, hoje em dia como minha mãe mesmo diz, hoje em dia ter filho gay é luxo, toda mãe quer ter um filho gay. Eu sou da época que a mãe dizia assim: se meu filho tiver que ser gay, eu prefiro que um trem passe por cima e hoje em dia, toda mãe quer ter um filho gay, toda casa tem um gay, é igual geladeira, só muda a cor e o modelo, mas toda casa tem uma. Então era muito difícil quando eu comecei, não vou dizer pra você que era fácil. Era muito complicado em todos os sentidos, mas hoje é bem mais fácil graças a Deus. Eu sou muito saudosista, mas também eu não tenho saudade do que foi ruim não. Não é porque eu passei por dificuldade, que eu acho que hoje um menino que tá se descobrindo com quinze anos tem que passar pelo que eu passei não. Eu sempre só digo a mesma coisa, acho que não existe independência de sexualidade, nem cultural, nem nada enquanto não existe independência financeira. Porque gay só é respeitado quando ele já consegue se manter. Sabe, eu acho que é a primeira independência que você tem que ter, e também não vejo a necessidade de hoje menino... eu vejo assim, eu tenho contato com um público muito jovem e eu escuto assim: ai, eu cheguei em casa e disse a meu pai que eu era gay, eu disse a minha mãe que eu era gay, meu pai aceitou... não, minha mãe não aceitou, ai, lá em casa tá uma crise... Eu nunca disse na minha casa, eu não acho que é algo necessário de ser dito, eu não acho que é nada que vai acrescentar, sabe, nem a você, nem a sua mãe. A sua mãe se tiver a idade que a minha tem, por exemplo, quase setenta anos, vai ser... não vai ser uma coisa, nenhuma mãe queria ter um filho gay, uma mãe de setenta anos espera ter netos desse filho e tudo. Então eu nunca falei por isso, porque eu nunca achei que fosse algo que fosse acrescentar pra ninguém. Mas graças a Deus, eu tenho uma família maravilhosa.

P. E seus momentos de lazer, o que você gosta de fazer, com quem você gosta de estar? Você falou da praia...

Eu durante muitos anos, nunca tive momento de lazer, sempre fui muito focado pra trabalho, pra trabalho,...Eu fico falando no masculino o tempo todo, né... focado, focado, focado, mas é porque eu falo sempre em mim pessoa, eu sempre fui focado muito pra trabalho, eu nunca tive muito tempo pra lazer. Meu lazer na verdade

durante muitos anos foi o que me trouxe a Natal, porque eu vim pra Natal por causa do esporte, eu vim jogar aqui em Natal voleyball e durante muitos anos esse ficou sendo meu lazer, uma pelada que a gente tinha de amigos e pronto. Uma coisa que eu faço a mais de quinze anos que é correr na praia, que isso não deixo nunca, vou todos os dias. Eu não sou, apesar de ser uma pessoa da noite, eu não sou uma pessoa que gosto da noite. Eu não gosto de boate, eu não gosto de balada, eu não sou muito de sair. Basta eu lhe dizer por exemplo, que depois de muito tempo é que as pessoas começaram a identificar que Junior era Shakira. Mais por causa da tatuagem, quando eu não tinha a tatuagem, as pessoas não identificavam. Assim, porque as pessoas acham que é muito diferente um do outro. Eu já não acho tanto porque você se conhece, né, mas por exemplo, quem me conhece de Junior diz nossa, não, mas você é assim... Porque eu acho que as pessoas fazem uma imagem meia distorcida da gente que trabalha na noite, principalmente quem se veste de mulher, acha que pensa que a gente anda na rua batendo palma e que a gente anda com uma bandeira na mão e que anda com as mãos assim e que não sei que, não sei que... E eu sempre uso uma frase que minha mãe diz. Minha mãe diz que tem uma amiga dela que não acredita nem que eu sou gay, imagina que eu sou Drag Queen... Então eu acho que é mais isso assim, de lazer eu tenho... Eu não vou muito pra muito agito, aonde tem muito barulho, aonde tem muita coisa assim, eu não gosto, mas tipo ir pra casa de uns amigos ou ir pra uma sorveteria ou ir pra um lugar assim. Eu tenho um grande problema contra a diversão, porque eu sou avessa a diversão, porque eu não bebo e eu acho que diversão tá ligada a beber. Todo mundo tá na turma bebendo e você com uma fanta laranja, você se sente o fora da turma. Ai, também tem isso também, mas naturalmente eu não gosto de sair. ...Eu acho que o meu lazer é isso, assim cuidar da minha casa, porque eu sei o quanto me custou isso, o quanto é difícil você... e hoje mais ainda, porque se manter da arte é quase que um milagre, eu sempre fico surpreso quando escuto qualquer artista, de qualquer seguimento, dizer assim você trabalha com quê? Porque eu escutei a minha vida toda, eu escutei as pessoas dizerem assim, além de fazer show, você faz o quê, você trabalha? Aí eu sempre ficava assim, eu ficava pensando nossa como, como além de fazer show eu não trabalho e o que eu faço é o quê? Porque isso pra mim não é diversão, as pessoas dizem, ai, seu trabalho é ótimo, você vai pra boate, você recepciona as pessoas, você dança, você brinca... O meu trabalho é ótimo porque é o meu, não é o seu, eu vou achar o seu que é cirurgião ótimo, ah, deve ser ótimo ser cirurgião, né, não sei o que, então o do outro sempre é

melhor do que o nosso, isso acho que é uma questão acho que cultural mesmo. A gente se predispõe a isso .

P. Você tem alguma crença, alguma religião, é praticante?

Sou praticante fervoroso... eu fui quase seminarista, eu fiz colégio de padre e eu sempre fui muito religioso, muito; só que durante uma época na minha vida, eu me afastei um pouco da religião porque a gente tende a ver o lado ruim das coisas, até nas amizades. E durante um tempo eu me afastei da religião, porque assim tem muita coisa na religião, eu sou católico praticante e tem muita coisa da religião que eu não concordo. Tem coisas que eu não concordo, por exemplo, o dinheiro na igreja. Eu não concordo com o dinheiro na igreja, mas assim acho que o restante das coisas é tão legal, que eu até esqueci de citar isso, é um grande lazer meu, eu me sinto mal se eu perder a missa. Eu vou a duas missas na semana e mais a do domingo, que pra mim, é sagrada, eu não perco de jeito nenhum. Vou agora dia vinte e cinco convidar vocês, vai ter o “Deus é show”, se interessar a vocês irem também é um evento, é a primeira micareta católica que a gente vai estar fazendo, mas assim eu acredito que... eu sou católico fervoroso, mas eu acho que crença é uma coisa... Não importa se o seu Deus é uma imagem vestida de vermelho e preto, é Santo Agostinho, é Santa Clara, não importa. Importa pra que você direciona a energia. Eu acho que é isso. Mas eu sou católico praticante fervoroso e muito feliz com isso.

P. Assim, como que foi que você começou a se interessar por tatuagem?

Na verdade, todo mundo acho que eu me tatuo a muitos anos, porque eu tenho muita tatuagem... E eu tenho um amigo que sempre gostou, que é esse amigo que até hoje mora comigo, então ele sempre gostou de tatuagem. Eu comecei a me tatuar... eu tatuei a primeira vez eu tinha trinta e cinco anos já e foi uma coisa que eu fui descobrindo assim, eu sempre pensei assim eu quero fazer uma tatuagem que as pessoas não se sintam ultrajadas com ela, eu quero uma coisa que eu acho bonito, então eu acho que comecei a me tatuar numa época boa, porque as tintas já tinham melhorado, já tinha... eu me tatuei como um artista, que acho assim, que foi um dos melhores que eu já conheci. Você pode ver, todas as minhas tatuagens são coloridas, são temas infantis, a única que eu não tenho com tema infantil foi a Carmem Miranda porque também é uma coisa que teve uma força muito grande pra qualquer gay e acho que quem trabalha com teatro de revista mais ainda e eu comecei com teatro de revista, então Carmem Miranda... quem fez transformismo. Carmem Miranda uma vez na vida, não passou pela escola. Porque era uma escola assim, você tinha que

fazer uma música francesa, Carmem Miranda e depois você fazia esses hits internacionais. Então a Carmem Miranda, ela tem esse fundamento, foi isso. Então eu comecei a... aí eu desenvolvi uma paixão muito grande por tatuagem.....Aí hoje é mais difícil eu me tatuar com outra pessoa, `as vezes eu até tenho vontade, eu até estou com vontade com vontade de fazer um horquidário já faz um tempo, mas ainda não fiz porque... não é que não tenham bons profissionais, acho que hoje em dia Natal tem excelentes profissionais, mas assim ainda não tive o tempo hábil de conversar com alguém e sentir a segurança de fazer uma tatuagem legal, porque é uma coisa que você vai fazer pro resto da vida. ...Dói, eu vou dizer que dói, mas eu acho tatuagem é uma coisa que tem que ser muito pensada...você é visto pelo que você... pela sua primeira imagem, né. E `as vezes, uma pessoa tatuada ela tem uma imagem um pouco... eu não sei porque, eu acho que as pessoas tem uma imagem de quem é tatuado, de quem trabalha na noite que é marginal....Na verdade, eu acho que eu sou a Drag mais tatuada, mas não sou a pessoa mais tatuada de Natal, tem bem mais gente do que eu, muito.

P. Você consegue lembrar o momento do insight ou foi uma coisa mais pensada?

Eu fiz, a minha primeira tatuagem foi essa daqui, que é uma imagem minha, do meu personagem, da Shakira, que não tem nada a ver com a Shakira, a cantora colombiana, é a minha Shakira, até porque quando eu criei... Eu tinha um nome antes que era Kiloshana, que é uma deusa hindu e eu precisava de um nome que tivesse sonoridade, que ficasse legal com os dois e Shakira é um príncipe que foi castrado e ele ficou sem sexo, e aí ficou o nome Shakira. Daí eu juntei os dois, ficou Shakira Kiloshana, que hoje em dia Kiloshana nem usa mais porque ficou o Divina Shakira.Todas as minhas tatuagens tem uma história, essa aqui foi de uma amizade que eu tive muito e nós fizemos juntos, os dois fizemos juntos. As minha pin-ups, eu sou apaixonado por pin-up, então eu fiz as duas da barriga, porque eu sou apaixonado por pin-up. As estrelas eu tenho muita, porque é um desenho que realmente eu tenho uma afinidade muito grande, a Mulher Maravilha porque foi meu personagem na infância, né....Foi o que marcou a minha infância, foi a Linda Carter, a Mulher Maravilha original, com aquele desenho original...Tanto é que ela é fidedigna ao desenho original. E a Carmem Miranda foi por essa história do meu trabalho também, porque eu fui participar de uma convenção com essa minha tatuadora e era uma convenção aonde eu ia, eu não, ela, porque no caso a gente não concorre, quem concorre é o tatuador. Ela ia concorrer com o auto-retrato e essa foto é a capa do livro dos 50 anos

da Carmem Miranda. Eu tenho inclusive o livro, essa foto mesmo é a capa do livro dos 50 anos da Carmem Miranda. Aí se você já teve, já viu alguma convenção de tatuagem, tem várias categorias, eu não me lembro bem, porque eu não sei de história de tatuagem, eu sei das minhas tatuagens só, então a minha era auto-retrato, era o que mais ficava próximo do retrato original, então a minha foi, inclusive foi a que venceu essa Convenção por isso. Então cada tatuagem ela teve uma história, a que eu mais gosto assim, esteticamente é a da barriga, porque são uns desenhos que eu acho bem bonitos. E a que tem mais significado agora pra mim é essa da frase, porque ela me pegou numa fase muito difícil, eu tive um problema muito sério de saúde e eu queria deixar marcado... essa tatuagem ela fecha assim um pequeno ciclo, eu não digo um ciclo de dez anos, de vinte, de trinta, mas um ciclo daquela história que você tinha que fazer, aquela história terminou ali, o elo se fechou ali.

P. E você teve incentivo de amigos pra fazer a tatuagem?

...Mas eu tenho muitos amigos tatuados, muitos mesmo. Tem uma amiga que trabalha comigo que é Dani, acho que você talvez ou ouviu falar ou viu... Miss Dani, ela também é muito tatuada, apesar de ser bagunçada. Eu digo a ela que alguém pegou um gibí, rasgou e jogou no chão, porque ela tem desenho desde o... desde o desenho mais pesado até o nome dela com o filho, que se amam. Aí você não sabe nem onde ela começa e onde ela termina, mas também é uma pessoa que tem uma história com tatuagem bem significativa assim, bem... eu só falo sempre a ela que às vezes ela tem um estado febril de tatuagem, ela tem necessidade de se tatuar, coisa que eu não tenho. Eu tenho necessidade de fazer algo que eu queira fazer, eu não tenho necessidade de ter que fazer uma tatuagem a semana que vem. Ai, vai ter uma convenção, eu tenho que fazer uma porque vai ter a convenção, não sei o que... sabe, eu não tenho esse... essa necessidade.

Obs. No período de pós doutoramento foram realizadas oito entrevistas, sendo que três estão em fase de transcrição.

6 - Atividades realizadas durante o Pós Doutorado intitulado: "Marcas e Produtos culturais tatuados no corpo: expressões do hipersonsumo" /

Supervisionado pelo Prof. Dr. Eneus Trindade PPGCOM/USP

- Participação regular nas reuniões de pesquisa do semestre do grupo coordenado pelo supervisor do estágio, Prof. Dr. Eneus Trindade. Participação das reuniões do Grupo de Estudos Semióticos em Comunicação Cultura e Consumo (GESC3/ECA/USP/CNPq);
- Participação semanal na disciplina *Mediações e Mdiatizações do Consumo*, realizada pelo supervisor do pós doutorado Prof. Dr. Eneus Trindade com duração 15 semanas e 105 horas.
- Estudos de campo com entrevistas e levantamento de material bibliográfico, que demandam a solicitação de Pós-doc/2º Semestre de 2015.
- Conferência intitulada *Mídia e Memória* na abertura do curso de Pós Graduação em Comunicação Social na Universidade Beira Interior em Covilhã , convidada pela Profa. Manuela Penafria, agosto de 2014.
- Articulações acadêmicas durante visita ao Grupo de Pesquisa Migracon - com o Prof. Dr. Nicolas Lorite em setembro de 2014, onde foi gerado o projeto que recentemente foi aprovado, projeto este entre as base de pesquisa PRAGMA - UFRN/ UNISINOS-PROCESSOCOM/ MIGRACOM-UAB . Projeto de Pesquisa CAPES/ DGPU - n 40/2014 que inicia em março de 2015, Brasil/ Espanha. Título do Projeto: *Publicidade, propaganda, alteridade e cidadania: estratégias transmetodológicas de análise da diversidade nos contextos de mudança econômica e social do Brasil e da Espanha*. Edital: Programa CAPES/DGPU, nº 40/2014, Modalidade: projetos conjuntos de pesquisa.
- Visita Técnica na Universidade Nova de Lisboa em setembro de 2014, contato com o Prof. Dr. Jacinto Godinho, para trocas acadêmicas e realização de um projeto de pesquisa para o futuro na base de pesquisa PRAGMA/UFRN/CNPq.
- Apresentação de Pesquisa: VIII Seminário Internacional de Metodologías Transformadoras de la Red AMLAT/ "Procesos Comunicacionales, Educación y Ciudadania em las luchas de los PUEBLOS" com o artigo: *Documentário e Memória: narrativas, itinerários e métodos para uma etnografia da duração na realização de documentários*. Apresentação no CEPAP da Universidad Nacional Experimental Simón Rodríguez de 19 a 21 de novembro de 2014 em Caracas / Venezuela.
- REVISTA: Para a Revista **Signos de Consumo** do PPGCOM-USP. Resenha do livro do supervisor de pós doutorado Prof. Dr. Eneus Trindade – intitulado *Propaganda, Identidade e Discurso: Brasilidades Midiáticas*.

Porto Alegre: Sulinas, 2012, 191 páginas. Coleção Cena Publicitária para a revista Signos de Consumo (ECA-USP – PPGCOM-USP).

- REVISTA: Para a **Revista Alterjor** do PPGCOM - ECA/USP. Artigo intitulado: *Vozes da Vila: Inventário Radiofônico da memória coletiva da Vila de Ponta Negra*. USP(<http://www.usp.br/alterjor/ojs/index.php/alterjor/search/authors?searchInitial=&authorsPage=4>).

O projeto de pós doutoramento recebeu auxílio no 1º semestre de 2015 do PROCAD nº 071/2013 - nº projeto 183902 com a coordenação do supervisor do pós doutoramento Prof. Dr. Eneus Trindade.

- **Organização de um blog** com as fotos e parte das entrevistas realizadas durante o pós doutoramento
<https://pesquisacorpomidiatico.wordpress.com/artigos-publicados/>.
- **Organização e coordenação** do livro: *Histórias e Reflexões da Publicidade e da Comunicação Institucional*, 2015, EDUFRRN/Natal/RN. ISBN: 978 85 425 0412-5. Foi lançado no 10º Encontro Nacional de Estudos da Mídia da Rede Alcar de 03 a 05 de junho de 2015 em Porto Alegre/RS.
- Apresentação da Pesquisa de Pós Doc: *Literatura, Jogos, Personagens e Marcas: tatuagens no corpo midiático*, no VI Pró-Pesq PP- Encontro Nacional de Pesquisadores em Publicidade e Propaganda, de 27 a 29 de maio de 2015, CRP/USP/São Paulo - SP.
- **Coordenação** do Grupo de Trabalho História da Publicidade e da Comunicação Institucional, de 03 a 05 de junho de 2015 na FABICo, UFRGS, no Encontro Nacional de História da Mídia da Rede Alcar 2015/ Porto Alegre/RS.
- Apresentação do trabalho referente ao Pós Doutorado: *Histórias de hiperconsumo nos corpos e casas midiáticos: colorindo a pele e paredes na cidade de Natal/RN*, no Encontro Nacional da Rede Alcar 2015, de 03 a 05 de junho na UFRS/Porto Alegre/RS.
- Ministrei a aula *Narrativas, Memórias e Itinerários* para disciplina de pós graduação da UNISINOS/RS do Prof. Dr. Alberto Efendy Maldonado intitulada *Identidades Culturais/Cidadania Comunicativa* no dia 25 de junho de 2015.
- **Capítulo de Livro:** PAVAN, Maria Angela ; FERREIRA, A. P. B. ; BOEIRA, Joanisa Prates . *Corpo Midiático: histórias das imagens, comunicação e memória na pele em Natal/RN Brasil e Catania/Itália*. In: Maria Angela Pavan; Ana Luiza Coiro Moraes; Flavi Ferreira Lisboa Filho..

(Org.). Histórias e Reflexões da Publicidade e Propaganda e da Comunicação Institucional. 1ºed.Natal/RN: EDUFRN, 2015, v. 1º, p. 319-337.

- **Capítulo de Livro:** VELOSO, Maria do Socorro Furtado ; **PAVAN, Maria Angela** . *Naza, Nazinha, Nazica: a comunicação do afeto à padroeira do Pará*. In: Lisabete Coradini; José Duarte Barbosa Junior. (Org.). A cidade e suas imagens. 1ed.Natal/RN: EDUFRN, 2014, v. 1, p. 79-97.
- **Capítulo de Livro:** **PAVAN, Maria Angela** . *Mídia e memória: um caminho metodológico para compartilhar o fazer, os saberes e os afetos na realização de documentários*. In: Alberto Efendy Maldonado. (Org.). Panorâmica da Investigação em Comunicação no Brasil Processos receptivos, cidadania, dimensão digital. 1ed. Salamanca: Editorial Comunicación Social, 2014, v. 1, p. 122-135.
- **Capítulo de Livro:** VELOSO, Maria do Socorro Furtado ; **PAVAN, Maria Angela** . *Jornalismo como tessitura do cotidiano na obra de Eliane Brum*. In: João Freire Filho; Maria das Graças Pinto Coelho. (Org.). Jornalismo, cultura e sociedade: visões do Brasil contemporâneo. 1ªed.Porto Alegre: Editora Sulina, 2014, v. , p. 30-41.
- **Artigo:** **PAVAN, Maria Angela** e VELOSO, Maria do Socorro Furtado: *Considerações sobre o método do cineasta Miguel Gonçalves Mendes, a partir do do documentário "José e Pilar"*, apresentado na Conferência Internacional de Cinema, Arte e Tecnologia em Avanca, Portugal, será apresentado dia 24/07/2015.
- **Artigo:** **PAVAN, Maria Angela** e ROCHA. Helio Ronyvon Gomes da. *A construção do documentário O Menino que queria ser santo: mídia e memória: um caminho para compartilhar o fazer, os saberes e os afetos* apresentado na Conferência Internacional de Cinema, Arte e Tecnologia em Avanca, Portugal, apresentado dia 25/07/2015.
- **Artigo:** **PAVAN, Maria Angela;** VELOSO, Maria do Socorro Furtado. Miguel, José e Pilar: notas sobre a imersão do cineasta no espaço-tempo dos personagens. Revista de Estudos Saramaguianos. Brasil/Portugal/Espanha e Argentina, v.1, n2, 2015 - p. 121-134.

7 - Cronograma do trabalho realizado no período de outubro de 2013 a março de 2014.

Outubro de 2013:

Realização de estudos de campo e entrevistas e levantamento de material bibliográfico.

Novembro de 2013:

Participação das Reuniões semanais do Grupo de Estudos Semióticos em Comunicação, Cultura e Consumo – GESC3 CNPq/USP

Construção de Artigos

Dezembro de 2013:

Elaboração de um artigo para revista científica e um capítulo de livro.

Janeiro de 2014:

Elaboração do relatório de pesquisa do pós doutoramento.

Fevereiro de 2014:

Organização de um banco de dados de fotografias e entrevistas.

Março de 2014:

Finalização do processo – apresentação de prorrogação do pós doutoramento de agosto de 2014 até agosto de 2015, na reunião do PPGCOM/USP e CRP/ECA/USP da pesquisa de pós doutoramento.

8 - Cronograma do trabalho realizado no período de agosto de 2014 a julho de 2015

Agosto e Setembro de 2014

Visitas técnicas na Nova de Lisboa/ Lisboa , Universidade Beira do Interior / Covilhã e Universidade Autônoma de Barcelona UAB/Barcelona

Outubro de 2014 a Janeiro de 2015

Organização de artigos

Trabalho de Campo, Realização de entrevistas e levantamento de material bibliográfico

Construção do blog da pesquisa de pós doutoramento

Fevereiro 2015 a Julho de 2015

Participação das Reuniões semanais do Grupo de Estudos Semióticos em Comunicação, Cultura e Consumo – GESC3 CNPq/USP

Construção de Artigos

Participação semanal na disciplina Mediações e Miatizações do Consumo, realizada pelo supervisor do pós doutorado Prof. Dr. Eneus Trindade com duração 15 semanas e 105 horas.

Participação do Pró- Pesq - Encontro Nacional de Pesquisadores de Publicidade e Propaganda de 27 a 29 de maio de 2015, CRP/USP/São Paulo - SP.

Participação do Encontro Nacional de História da Mídia da Rede Alcar de 03 a 05 de junho de 2015.

9- Bibliografia com a supervisão do Prof. Dr. Eneus Trindade do PPGCOM/USP:

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2010.

AMOSSY, R. (org.) **Imagens de si: A construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2008.

APPADURAI, Arjun. **A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural**. Tradução de Agatha Bacelar. Niterói: Editora da UFF, 2008.

BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos Objetos**. São Paulo: Perspectiva, 1973.
_____. **Sociedade de consumo**. Rio de Janeiro: Elfos, 1995.

BRAGA, José Luiz. **Circuitos versus campos sociais**, in *Mediação & Mídiação*, org. Maria Ângela Mattos, Jeder Janotti Junior e Nilda Jacks. Salvador: ed. EDUFBA, Brasília, Compós – 2012.

_____. **Interação como contexto da Comunicação**. In: *Revista Matrizes*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da USP. São Paulo: ECA/USP, v.6, n.1, p.25-41, jul.-dez., 2012.

BRAIT, Beth. (org). **Bakhtin: Conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. (org). **Bakhtin: Outros Conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006.

CANEVACCI, Massimo. **Fetichismos Visuais: corpos erópticos e MetrÓpole Comunicacional**. São Paulo,SP: Ateliê Editorial, 2008.

CANEVACCI, Massimo. **Culturas extremas, mutações juvenis nos copos das metrÓpoles**. Rio de Janeiro: DP& A. 2005.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e Mudança Social**. Brasília: UNB, 2001.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de Consumo e Pós Modernismo**. SP: ed. Studio Nobel, 1995.

_____. (org). **Body Modification**. London: Sage Publication Ltd, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP & A. 2000.

_____. **Da diáspora**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HEPP, Andreas. **As configurações comunicativas de mundos midiaticizados: pesquisa de mediação na era da “mediação de tudo”**. In: DOSSIÊ. *Matrizes*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da USP. São Paulo: PPGCOM/USP, v.8, n.1, p.45-64, 2014.

HJARVARD, Stig. **Mediatização: Conceituando a mudança social e cultural**. In: DOSSIÊ. Matrizes. Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da USP. São Paulo: PPGCOM/USP, v.8, n.1, p.21-44, 2014.

_____. **Mediatization of Culture and society**. New York: Routledge, 2013.

_____. **Mediatização: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural**. Matrizes. Revista do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da USP. São Paulo: ECA/USP, v.5, n.2, p.53-92, jan./jun., 2012. <http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/338/pdf>. (Acesso em 10/02/2014)

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.1985.

KERCKHOVE, Derrick de. **A Pele da Cultura**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1997.

LE BRETON, David. **A Sociologia Do Corpo**. Petrópolis: Editora Vozes; 2006.

LIPOVETSKY, Gilles com CHARLES, Sébastien. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.

LIPOVETSKY, Gilles. **A Felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo**. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

MC CRACKEN, Grant. **Cultura & Consumo: novas abordagens ao caráter simbólico dos bens e das atividades de consumo**. Rio de Janeiro: MAUAD, 2003.

MORACE, Francesco. **Consumo Autoral: as gerações como empresas criativas**. São Paulo: Estação das Letras e Cores Editora, 2009.

SEMPRINI, Andrea. **A marca Pós-moderna: poder e fragilidade da Marca na sociedade contemporânea**. São Paulo: Estação das Letras, 2006.

TRINDADE, Eneus. **Propaganda, Identidade e Discurso: Brasilidades Midiáticas**. Porto Alegre: Sulinas, 2012. *Coleção Cena Publicitária*

10 - Considerações Finais

Os jovens em Natal/RN reinventam suas histórias de vida a partir das marcas que constroem no corpo. Marcam um tempo de suas vidas e falam das memórias e as mudanças a partir das imagens escolhidas.

Seguimos neste trabalho em busca de imagens na rua. Nossos olhos pedem imagens, eles passam por nós, e tentamos desvendar o que possuem escritos ou marcados no corpo. Versos e imagens muitas vezes ficam ocultos e precisamos

chegar mais perto, interagir para ler ou ver o que a roupa no corpo cobre. Quando conseguimos o tempo necessário a conversa se inicia. Mas somos como biógrafos destas imagens, desejamos narrar alegoricamente o mundo que construímos. O corpo se transforma em um suporte artístico. A arte da vida que se recria a partir de imagens da indústria cultural.

Neste tempo de pesquisa tentamos desvendar estes novos símbolos tão importantes para quem selecionou a imagem que tatuou. As imagens escolhidas muitas vezes entram em acordo com a própria história de vida e ganham uma nova narrativa. Durante a nossa conversa muitos dizem que conseguiram interpretar melhor o momento da escolha da tatuagem durante a nossa entrevista. E a imagem da indústria cultural ganha um corpo, um corpo que fixa todo seu sentir que está em constante mutação dentro de sua história. Braga (2012) diz que as mudanças acontecem a partir dos processos comunicacionais e que encontram um caminho fluido na reverberação.

Parece -me mais interessante pensar que, em interações sucessivas, as pessoas reverberam uma sobre as outras, se escutam mutuamente e por processos incrementais, se modificam a partir de aportes múltiplos e entremeados. (BRAGA, 2012, p29)

E para compreender estes novos circuitos e interações na relação com as imagens da indústria cultural, durante o pós doutoramento ouvimos o que os jovens tem a nos dizer sobre suas escolhas. A análise das entrevistas foi possível a partir da bibliografia supervisionada pelo Prof. Dr. Eneus Trindde.

Ao fotografá-los e ouvir suas histórias vemos o quanto as tatuagens são parte de sua identidade e como estão inseridos no convívio midiático. São as memórias e as pertencas que estão tatuados no corpo destes jovens. O corpo funciona como uma vitrine das escolhas subjetivas, por isso é que, segundo os entrevistados desta investigação, as tatuagens correspondem sempre a um período marcado por escolhas identitárias.

Hall (2000) discutiu o estatuto cultural contemporâneo das identidades, observando que as categorias de identidade e os processos de identificação se apresentam pulverizados e multifacetados pela diversidade de papéis sociais vividos pelos indivíduos. Diz que os fenômenos do descentramento e deslocamento das identidades permitem perceber que essas identidades se manifestam de modo transitório, em contínuas transformações.

O verbo transformar está presente em muitas entrevistas. Associam sempre as tatuagens a sentimentos, buscas, escolhas - eles buscam sempre uma nova imagem para tatuar no corpo. Segundo Marcel Mauss (2003), para quem o corpo é necessariamente uma construção simbólica e cultural, toda sociedade utiliza formas gráficas e símbolos para marcar os corpos de seus membros.

Gilles Lipovetsky, numa palestra proferida no Brasil ⁵, comentou sobre o mundo atual, que nos convida a mudar a cada instante para estarmos em evidência. Para ele, vivemos num mundo que intensifica o conceito de modernidade principalmente no que se refere à busca da autonomia, prazer e renovação, consumo e individualização. O presente é fundamental, mas não deixamos de nos preocupar com o futuro. Buscamos o presente de forma hedonista com ênfase na informação e na comunicação; a tônica é o imediatismo. Segundo Lipovetsky (2007) este é o conceito de hiperconsumidor, quem usa os símbolos e marcas do consumo para reivindicar a individualidade e sua subjetividade. O corpo expressa isso, do mesmo modo como expressa as emoções e disposições do indivíduo. Os sinais dessa expressão (semblante, gestos, posturas) são sutis, mas perceptíveis, ainda que de forma inconsciente, pelos membros de uma dada cultura.

Há um olhar seletivo destes jovens, para o que é considerado significativo, estético, agradável, repugnante, interessante e importante tanto nos acontecimentos da vida de cada um como nos símbolos e adornos que ostentam no corpo. Eles carregam para si o que selecionam e constroem uma nova narrativa pessoal para depois continuar esta nova linguagem no corpo.

A narrativa das experiências na escolha da tatuagem mostram um consumo emocional. Verbalizam as escolhas e os anseios de forma expressiva. Segundo Lipovetsky (2007) “o consumo emocional indica, então, a vitória do “ser” sobre o “parecer”.

O que chamo de “consumo emocional” corresponde apenas em parte a esses produtos e ambiências que mobilizam explicitamente os cinco sentidos. Ele designa, muito além dos efeitos de uma tendência de marketing, a forma geral que toma o consumo quando o essencial se dá de si para si. Em profundidade, o consumo emocional aparece como forma dominante quando o ato de compra, deixando de ser comandado

⁵ Palestra intitulada **A inquietude do futuro: o tempo hiper-moderno** no Café Filosófico no Espaço Cultural CPFL em Campinas/SP, em 26/08/2004. Disponível em DVD (CulturaMarcas, 2006) com curadoria de Jorge Forbes.

pela preocupação conformista com o outro, passa para uma lógica desinstitucionalizada e intimizada, centrada na busca das sensações e do maior bem-estar subjetivo” (LIPOVETSKY, 2007, p.46)

A pesquisa ganhou respaldo teórico durante a permanência no PPGCOM/USP onde pude acompanhar a disciplina do Prof. Dr. Eneus Trindade “Mediações e mediações do consumo” que colaborou para uma nova perspectiva e reflexão da pesquisa. No período recebi direcionamentos para realização das entrevistas para que o trabalho final traga contribuições importantes para o projeto maior do Procad.

A participação dos encontros do Grupo de Estudos Semióticos em Comunicação Cultura e Consumo (GESC3/ECA/USP/CNPq) coordenado pelo Prof. Dr. Eneus Trindade também contribuíram para novas abordagens na pesquisa.

No período houve o VI Pró-Pesq PP- Encontro Nacional de Pesquisadores de 27 a 29 de maio de 2015 onde tive a oportunidade de expor a pesquisa realizada no pós doutoramento. E em seguida apresentei outra parte do projeto de pós doutoramento no X Encontro Nacional de História da Mídia - Rede Alcar do dia 03 a 05 de junho em Porto Alegre/RS.

O conhecimento de outras pesquisas que estão sendo orientadas pelo Prof. Eneus também colaboraram para novas reflexões para meu projeto.

Pude participar das reuniões do projeto Procad/Capes onde conheci os professores da UFMS e os professores envolvidos da USP. Trocamos informações importantes sobre pesquisa, organização das pós graduação e realizações.

A troca de experiências e abordagens metodológicas diferentes enriqueceram a bibliografia.

REFERÊNCIAS

BOUGNOUX, Daniel. **Introdução às ciências da Comunicação**. Bauru: EDUSC, 1999 p. 13 – 17.

BRAGA, José Luiz. **Circuitos versus campos sociais**, in *Mediação & Mediação*, org. Maria Ângela Mattos, Jeder Janotti Junior e Nilda Jacks. Salvador: ed. EDUFBA, Brasília, Compós - 2012

CHNAIDERMAN, Miriam. **Travessias**. Revista Ocas: saindo das ruas nº 66 julho/agosto, 2009

CRACKEN, Grant. **Cultura e Consumo: novas abordagens ao caráter simbólico dos bens e das atividades de consumo**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

FEATHERSTONE, Mike (org). *Body Modification*. London: Sage Publication Ltd, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP & A. 2000.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.1985.

LE BRETON, David. **A Sociologia Do Corpo**. Petrópolis: Editora Vozes; 2006.

_____. **As Paixões Ordinárias: Antropologia das emoções**. Petrópolis – RJ: Vozes, 2009.

LIPOVETSKY, Gilles. **A Felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo**. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Variações sobre a técnica de gravação no registro da informação viva**. SP: T.A. Queiroz, 1991.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das Tribos: declínio do individualismo nas sociedades de massa**. RJ: Forense, 2000.

_____. **A Conquista do Presente**. Rio de Janeiro: Ed. Rocco. 1984

PAVAN, Maria Angela. **O hiperconsumo de marcas e produtos culturais tatuados no corpo: para além da publicidade**. Trabalho apresentando no IV Pró-Pesq – Encontro Nacional de Pesquisadores em Publicidade e Propaganda, em 22 a 24 de maio de 2014. CRP/ECA/USP.

RENOV, Michel. **The Subject of documentary**. Minneapolis: University of Minesota Press, 2004.

SEMPRINI, Andrea. **A marca pós-moderna: poder e fragilidade da marca na sociedade contemporânea**. São Paulo: Estação das Letras Editora, 2006.

SERRES, Michel. **O Incandescente**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2005.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias Sensíveis: afeto, mídia e política**. Petrópolis: RJ, Vozes, 2006.

TRINDADE, Eneus e PAVAN, Maria Angela. **Memória da pele e histórias do consumo: marcas e produtos tatuados no corpo**. Texto apresentado no GT História da Publicidade e Propaganda do VI Congresso Nacional de História da Mídia da Rede Alcar na UFF/Rio de Janeiro, maio de 2008.

_____. **Propaganda, Identidade e Discurso - Brasilidades Midiáticas**. Porto Alegre/RS: ed. Sulina, 2012.

TRINDADE, Eneus. **Um olhar exploratório sobre o consumo e a midiaticização das marcas de alimentos nas vidas de algumas famílias**. Revista Matrizes, ano 6, nº1, jul/dez/2012, ECA - Usp, São Paulo, p.77 - 96.

_____; PEREZ. Clotilde. **Os rituais de consumo como dispositivos midiáticos para a construção de vínculos entre marcas e consumidores**. Revista Alceu, v. 15, nº 29, jul/dez 2014, p.157 - 171.

11 - Perspectivas de Publicações de artigos:

1 - Artigo em Revistas B1 ou A2 supervisionado pelo Prof. Dr. Eneus Trindade.

2- Publicação de Capítulo de Livro referente a pesquisa no livro realizado pelos professores Clotilde Peres e Eneus Trindade coordenador do Grupo de Estudos Semióticos em Comunicação Cultura e Consumo (GESC3/ECA/USP/CNPq);